CATALOGO

DOS

OBJECTOS EXISTENTES NO MUSEU DE ARCHEOLOGIA

DO

INSTITUTO DE COIMBRA

A CARGO DA SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA DO MESMO INSTITUTO

1873-1877

COIMBRA
IMPRENSA LITTERARIA
1877

MUSEU DE ARCHEOLOGIA

DO

INSTITUTO DE COIMBRA

CATALOGO

DOS

OBJECTOS EXISTENTES NO MUSEU DE ARCHEOLOGIA

DO

INSTITUTO DE COIMBRA

A CARGO DA SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA DO MESMO INSTITUTO

1873-1877

COIMBRA
IMPRENSA LITTERARIA
1877

Regulamento da secção de archeologia do Instituto de Coimbra, de 4 de julho de 1874

....

Art. 7.º Instituir-se-ha um museu archeologico, onde se recolherão todos os objectos relativos ao estudo da archeologia, e que possam ser adquiridos pela secção ou pelo Instituto.

§ *unico*. Este museu ficará pertencendo ao Instituto, e, no caso de esta sociedade ser dissolvida, passará a sua propriedade para a Universidade de Coimbra.

....

Art. 34.º Em uma das salas do Instituto, que para isso fôr designada pela assemblea geral, será organisado um museu de archeologia.

§ *unico*. Ali os socios do Instituto, os associados correspondentes, e quaesquer pessoas ou corporações, poderão depositar os objectos, que queiram expôr.

Art. 35.º Os objectos de maior valor estarão reservados em armarios fechados.

Art. 36.º Todos os objectos serão numerados, tendo a designação do que são, e da pessoa ou corporação a quem pertencem.

Art. 37.º Haverá um catalogo de todos os objectos do museu, onde elles serão designados pelo seu respectivo numero e descriptos o mais minuciosamente possivel.

§ *unico*. Em cada folha do catalogo haverá uma casa de observações, onde se lançará a procedencia do objecto, o nome da pessoa ou corporação a quem pertence ou que o offereceu, o preço por que foi comprado, e o seu valor, quando o tenha apreciavel.

Art. 38.º O catalogo será em duplicado, e assignado por um dos secretarios e pelo conservador na folha em que termine a descripção dos objectos: no verso d'ella, ou na immediata, lançará o conservador uma declaração de que no acto da sua posse recebeu todos os objectos que até ali tiverem sido descriptos.

§ *unico*. Um d'estes catalogos irá para o archivo para ser guardado pelo primeiro secretario, o outro estará no museu, debaixo da guarda do conservador.

Art. 39.º Haverá mais dois catalogos especiaes, um descrevendo os objectos que pertencerem de propriedade ao museu, outro as moedas e medalhas, com as indicações que requer o estudo da numismatica.

§ *unico*. O catalogo de numismatica será organisado por ordem chronologica, e será assignado sómente pelo conservador.

Art. 40.º Haverá um conservador, eleito annualmente pela respectiva secção de archeologia d'entre os socios que a constituem, e esta eleição poderá recahir em qualquer dos membros da direcção, se algum d'elles a isso se prestar.

§ *unico*. O conservador poderá ser reeleito, mas não obrigado a acceitar a reeleição, a não ser que todos os membros da secção tenham já exercido aquelle cargo.

Art. 41.º O conservador é responsavel por todos os objectos confiados á sua guarda, e por isso os receberá pelo catalogo do museu, e no fim d'elle passará o recibo, que ficará annullado pelo que passar o conservador que o substituir.

Art. 42.º Incumbe ao conservador a guarda, conservação, arranjo, classificação e catalogação dos objectos, que constituem o museu.

§ *unico*. O conservador poderá ser coadjuvado nas suas obrigações por qualquer membro da secção, que para isso tenha sido convidado por elle, mas sempre debaixo da sua immediata responsabilidade.

INDICE

CATALOGO

DOS

OBJECTOS EXISTENTES NO MUSEU DE ARCHEOLOGIA DO INSTITUTO DE COIMBRA A CARGO DA SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA DO MESMO INSTITUTO

OBJECTOS DE PEDRA, BRONZE, FERRO E BARRO

EPOCHA PRE-HISTORICA

(edade neolithica ou da pedra polida)

N.º 1

Faca de pedra (silex), de 0^{m},089 de comprido por 0^{m},017 de largo.

N.º 2

Fragmento de faca de pedra (silex), de 0^{m},077 de comprido por 0^{m},017 de largo.

N.º 3

Fragmento de faca de pedra (silex), de 0^{m},093 de comprido por 0^{m},023 de largo.

N.º 4

Faca de pedra (silex), de 0^{m},118 de comprido por 0^{m},024 de largo.

N.º 5

Faca de pedra (silex), de 0^{m},130 de comprido por 0^{m},027 de largo.

N.º 6

Faca de pedra (silex), de 0^{m},150 de comprido por 0^{m},025 de largo.

Todas estas facas e fragmentos são um pouco curvos e torcidos, com uma face alisada, e a outra atravessada por duas arestas longitudinaes e irregulares. Tem gume de ambos os lados.

Estavam encerradas dentro da sepultura, que em 1866 se descobriu em

uma vinha, terreno arenoso, no sitio da *Fonte Sancta*, entre as povoações de Serradela e Constantina, cêrca de kilometro e meio do logar de Ancião. Pelo sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões foram offerecidas ao Instituto em 7 de maio de 1875.

N.º 7

Lamina de pedra preta (ardósia) em fórma de trapezio, de 0^m,156 de alto por 0^m,098 de largo no meio, com dois recortes e dois orificios no lado menor. Tem uma face lisa e plana, e na opposta seis riscos horizontaes, e entre elles alguns outros encruzados formando pequenos triangulos.

Foi achada em 1866 dentro da mesma sepultura, onde estavam as facas de silex, dos n.os 1 a 6 d'esta epocha. Com ellas a offereceu ao Instituto o sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões em 7 de maio de 1875 [1].

O feitio da lamina e os dois orificios fazem suppôr que ella seria, por ventura, alguma insignia ou ornato, destinado para andar pendente sobre o peito do finado, e que com elle foi encerrado no mesmo jazigo. Os lavores triangulares, riscados, provavelmente, a ponteiro de pedra ou osso, tem bastante similhança com os de alguns vasos de barro d'esta epocha pre-historica, descobertos na exploração da *cueva de los murcielagos*, provincia de Granada, em 1867 [2].

Ha outras laminas similhantes no museu Cenaculo, annexo á bibliotheca publica d'Evora [3].

N.º 8

Martello de seixo, muito liso e de côr escura. Tem a fórma de um ellipsoide achatado em ambas as faces, com 0^m,088 de alto por 0^m,074 de largo no centro.

Acompanhava dentro da sepultura, já mencionada, as facas e lamina precedentes, dos n.os 1 a 7 d'esta epocha. Offereceu-o ao Instituto o sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões em 7 de maio de 1875 [4].

N.º 9

Machado de pedra, roliço, de 0^m,077 de comprido.

N.º 10

Machado de pedra, achatado, de 0^m,089 de comprido.

N.º 11

Machado de pedra, roliço, de 0^m,099 de comprido.

N.º 12

Machado de pedra, roliço, de 0^m,101 de comprido.

1 Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 32.

2 *Antiguedades pre-historicas de Andalucia*, por D. Manuel de Gongora y Martinez, pag. 40, 41 e 45.

3 *Dolmens ou antas dos arredores d'Evora, notas dirigidas ao ex.mo sr. dr. Augusto Filippe Simões*, por G. P. pag. 13. *Instituto* de dezembro de 1875, pag. 284.

4 Livro das actas da secção de archeologia do Instituto fl. 32.

N.º 13

Machado de pedra, roliço, de 0^m,107 de comprido.

N.º 14

Machado de pedra, roliço, de 0^m,109 de comprido.

N.º 15

Machado de pedra, roliço, de 0^m,115 de comprido.

N.º 16

Machado de pedra, quasi quadrado e com algumas falhas, de 0^m,146 de comprido.

N.º 17

Machado de pedra, achatado e desgastado em parte, de 0^m,170 de comprido.

N.º 18

Machado de pedra, quasi quadrado e com algumas falhas, de 0,^{m}185 de comprido.

N.º 19

Machado de pedra, roliço, de 0^m,200 de comprido.

N.º 20

Machado de pedra, roliço, de 0^m,222 de comprido.

N.º 21

Machado de pedra, achatado, de 0^m,285 de comprido.

Todos estes machados, dos n.^{os} 9 a 21, tem gume em uma extremidade e ponta na outra. Foram ha annos descobertos no districto d'Evora, alguns em Bencatel, e ao Instituto offerecidos pelo sr. dr. Augusto Filippe Simões em 2 d'agosto de 1875 e 28 de maio de 1876 [1].

N.º 22

Machado de pedra, achatado, de 0^m,093 de comprimento, com ponta em uma extremidade e gume na outra. Offereceu-o ao Instituto o sr. dr. Julio Augusto Henriques em 25 d'agosto de 1875 [2].

N.º 23

Machado de pedra, achatado e mutilado na ponta, de 0^m,075 de comprido.

[1] Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 33 e 38.
[2] Livro das actas, etc., fl. 33.

N.º 24

Machado de pedra, roliço, de $0^m,104$ de comprido.

N.º 25

Machado de pedra, achatado, de $0^m,110$ de comprido.

N.º 26

Machado de pedra, roliço, de $0^m,115$ de comprido.

Como os machados dos n.os 9 a 22 tambem estes, dos n.os 23 a 26, tem gume em uma extremidade e ponta na opposta. Foram achados em Cantanhede, e offerecidos ao Instituto pelo sr. dr. Augusto Filippe Simões em 28 de maio de 1876 [1].

(edade do bronze)

N.º 27

Machado de bronze, de $0^m,138$ de comprimento por $0^m,032$ de largo no meio.

N.º 28

Machado de bronze, de $0^m,145$ de comprimento por $0^m,050$ de largo no meio.

N.º 29

Machado de bronze, de $0^m,107$ de comprimento por $0^m,028$ de largo no meio.

No districto d'Evora foram ha annos descobertos estes tres machados, que o sr. dr. Augusto Filippe Simões depositou no museu do Instituto em 17 d'abril de 1875 e 28 de maio de 1876 [2].

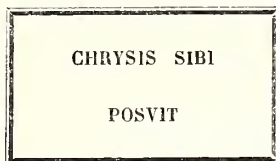
[1] Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 38.
[2] Livro das actas, etc., fl. 30 e 38.

EPOCHA ROMANA

N.º 1

Lapide sepulchral, de 0,^{m}80 de largo por 0,^{m}45 de alto, moldurada e com alguns ornatos.

CHRYSIS SIBI

POSVIT

Foi descoberta aos 7 de agosto de 1773 juncto ao alicerce do terreiro do antigo castello de Coimbra, cuja demolição teve principio em 19 de abril d'esse mesmo anno para a construcção de um observatorio astronomico [1]. Collocada, pouco tempo depois, com outras lapides no terreiro da Universidade sobre um pedestal de alvenaria, á esquerda do portico da bibliotheca, ahi se conservou até 23 de dezembro de 1867, em que foi apeada e recolhida em uma casa terrea do collegio de S. Pedro. Com auctorisação do ex.^{mo} visconde de Villa Maior, actual reitor da Universidade, veio como deposito para o Instituto em maio de 1873 [2].

São conformes nas datas, e circumstancias principaes d'este achado em 1773, o dr. Luiz de Sousa dos Reis e o beneficiado da collegiada de S. Thiago de Coimbra, Joaquim da Silva Pereira. Contemporaneos ambos da demolição do castello d'ella deixaram memorias, este, mais extensamente, na sua *Coimbra Gloriosa* [3], aquelle em um apontamento avulso, que, com outros manuscriptos do mesmo auctor, possue o seu bisneto, o sr. dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco. [4]

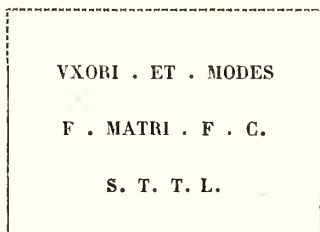
N.º 2

Outra lapide sepulchral, de 0,^{m}80 de largo por 0,^{m}39 de alto, com uma cavidade oblonga na face superior.

Falta a pedra, que cobria a dicta cavidade, e na qual devia estar aberta a primeira linha da inscripção,

VXORI . ET . MODES

F . MATRI . F . C.

S. T. T. L.

Como a lapide precedente tambem esta foi descoberta em 1773 juncto ao

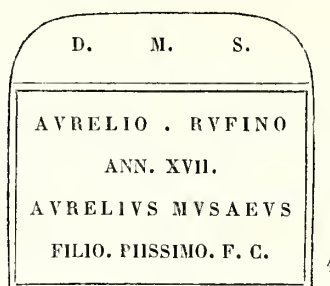
[1] Carta Regia de 11 de outubro de 1772. *Mem. Hist. da Faculdade de Mathematica* pelo sr. dr. F. de Castro Freire, pag. 38.
[2] Livro das actas da commissão de archeologia do Instituto, fl. 4 e 5.
[3] Nota I no fim.
[4] Nota II no fim.

terreiro do antigo castello, e exposta no pateo da Universidade em um pedestal de alvenaria á esquerda do portico da bibliotheca. Tirada d'este logar em dezembro de 1867, foi depositada no Instituto em maio de 1873.

Na noticia, que d'ella escreveram os mencionados J. da S. Pereira e L. de S. dos Reis, um e outro copiaram tambem a primeira linha da inscripção, cuja pedra desappareceu depois, lendo aquelle I. PV. D. A.^{C} G.^{C} CIVT, este IPVDACS^{C}EIVT. É facil, porém, de conhecer que ambas estas leituras são deficientes e obscuras, não sendo já agora possivel interpretal-as e acertal-as pelos traços mutilados que na pedra existente apenas se entrevêem das extremidades inferiores das lettras I . V . D . C . S . C . L N...

N.º 3

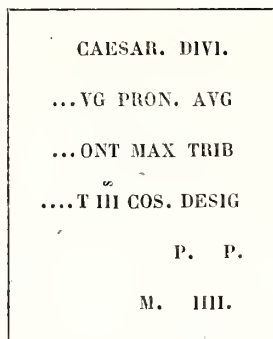
Outra lapide sepulchral, moldurada, de 0,^{m}75 de largo por 0,^{m}57 de alto.

[1]

Foi descoberta com as lapides precedentes no dia e logar já indicados, e tambem mencionada pelos referidos auctores da *Coimbra Gloriosa* e do *Rayo da Luz Catholica* [2].

Como exemplar da pureza da lingua latina acha-se a inscripção publicada nas *Diss. Chron.* tom. I, pag. 348, d'onde fielmente a trasladou o academico L. M. Jordão para o seu *Port. Inscript. Romanae*, vol. I, pag. 182.

N.º 4

Columna milliaria, cylindrica e fracturada em parte, de 0,^{m}81 de alto por 0,^{m}42 de diametro.

CAESAR. DIVI.
...VG PRON. AVG
...ONT MAX TRIB
....T IIII COS. DESIG
P. P.
M. IIII.

[1] Diis Manibvs Sacrvm. Avrelio Rvfino, annorvm septemdecim, Avrelivs Mvsaevs, filio piissimo, faciendvm cvravit.

[2] Havendo mais apparecido na mesma occasião o fragmento de outra lapide,

Foi descoberta em 1774 nas ruinas da couraça de Lisboa juncto ao antigo castello de Coimbra, e collocada á esquerda do portico da bibliotheca da Universidade com as lapides, já mencionadas, sobre a portugueza da torre quinaria.

Confrontando-a com outras simillhantes columnas, ou marcos milliarios, póde completar-se a sua inscripção pela fórma seguinte:

CAESAR. DIVI.
AVG. PRON. AVG.
PONT. MAX. TRIB.
POT. III. COS. DESIG.
P. P.
M. IIII.[1]

Faz d'ella menção, attribuindo-a ao tempo de Caligula, o sr. Emilio Hübner, professor da Universidade de Berlim, nas suas *Noticias Archeologicas de Portvgal*, traduzidas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, pag. 67.

Foi tambem uma das tres lapides, apresentadas pela repartição das obras da Universidade na exposição districtal de Coimbra em julho de 1869 — *Conimbricense*, de 10 de julho d'esse anno, n.º 2291, *Tribuno Popular*, de 24 dos dictos mez e anno, n.º 1405, e *Exposição Districtal de Coimbra*, pag. 213 e 255.

N.º 5

Lapide sepulchral com molduras e lavores tanto na face da inscripção como nas lateraes, e mais profusamente na parte superior ou cupula. Tem 1m,50 de alto por 0m,48 de largo.

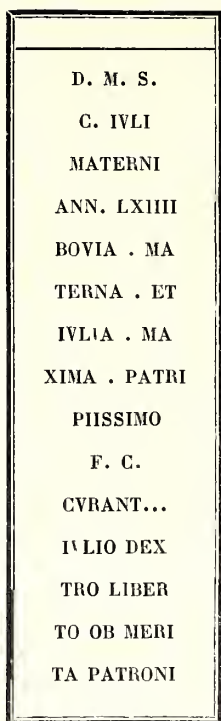
Afóra os cordões e rosêtas de ornato em volta da inscripção, vêem-se tambem esculpidas, e bem conservadas ainda, duas *pateras* e um *guttus* na face lateral esquerda, e um *codex*, um *stylus* e um *liber*, na face lateral opposta. Todas estas esculpturas indicam que pertencèra ao collegio dos sacerdotes e á ordem dos scribas esse Caio Julio Materno, a cuja memoria levantaram este monumento suas filhas Bovia Materna e Julia Maxima, e o seu liberto Julio Dextro.

que logo se extraviou, e na qual os dictos contemporaneos poderam apenas decifrar as palavras,

ALA......
BVIF........
I. S S.

1 Caesar, Divi Avgvsti Pronepos Avgvstvs, Pontifex Maximvs, Tribvnitia Potestate, tertivm (ou *tertio*) Consvl Designatvs, Pater Patriae, Millia Quatvor.

Por esta se deve corregir a leitura publicada no *Instituto*, vol. x, n.º 10, pag. 219.

D. M. S.
C. IVLI
MATERNI
ANN. LXIIII
BOVIA . MA
TERNA . ET
IVLIA . MA
XIMA . PATRI
PIISSIMO
F. C.
CVRANT...
IVLIO DEX
TRO LIBER
TO OB MERI
TA PATRONI [1]

Como a lapide precedente tambem esta foi achada nas ruinas da couraça de Lisboa em 1774, e collocada n'esse tempo sobre um pedestal de alvenaria, encostado á parede da capella da Universidade. Tirada d'este logar em 23 de dezembro de 1867 para uma casa do collegio de S. Pedro, veio como deposito para o Instituto em maio de 1873, havendo n'estas mudanças e transportes soffrido algumas pequenas mutilações.

A sua inscripção acha-se impressa com a da lapide n.º 3 nas *Diss. Chron.*, tom. I, pag. 348, e *Port. Inscript. Romanae,* vol. I, pag. 193. Publicaram-na tambem, como objecto apresentado na exposição districtal de Coimbra de 1869, o *Tribuno Popular* de 28 de julho d'esse anno, n.º 1046, e a *Exposição Districtal de Coimbra,* pag. 213 e 257.

Na sua fórma e esculptura tem este monumento sepulchral bastante similhança com as duas aras romanas, existentes em Chester, e desenhadas ambas no *The Art-Journal*, june, 1873, pag. 164.

Vê-se, por tanto, de todas as indicações, tocantes ao achado d'estas lapides romanas, quanto era menos exacto em 1861 o dizer do citado professor, E. Hübner, de que ellas foram *descobertas modernamente* no logar de Condeixa Velha [2]. São tambem uma solemne negação do que um anno antes affirmava ácêrca de Coimbra um historiador contemporaneo, que *nem uma só inscripção lapidar*

[1] Diis Manibvs Sacrvm. Caii Ivlii Materni, annorvm sexaginta et qvatvor, Bovia Materna et Ivlia Maxima patri piissimo faciendvm cvravervnt, cvrante Ivlio Dextro liberto ob merita patroni.

[2] *Noticias Archeologicas de Portvgal*, trad. da Academia Real das Sciencias de Lisboa, pag. 58.

alli se tem encontrado coeva dos romanos, nem coisa alguma que indique terem alli residido os altivos conquistadores do mundo [1].

Transcrevendo estas cinco lapides no art. *Alguns passos n'um labyrintho se Coimbra foi povoação romana e que nome teve*, assim explicou o sr. dr. A. Filippe Simões o apparecimento das mesmas no alicerce da antiga muralha da cidade ou na sua proximidade:

«Nos ultimos tempos da dominação romana o receio das invasões dos «barbaros obrigava ás vezes de subito a defender com solidos muros as «cidades ameaçadas. Em similhante conjunctura os operarios lançavam «mão dos materiaes que encontravam mais perto, não poupando nem «templos nem cemiterios.

E citando em seguida alguns achados similhantes em Portugal e fóra d'elle, conclue:

«Se não é impossivel, é, por tanto, pelo menos improvavel que, em qual-«quer dos seculos passados, fossem a Condeixa a Velha, na distancia de «duas leguas, buscar lapides romanas para as collocar na muralha conim-«bricense ou nos seus alicerces [2].

N.º 6

Cabeça de homem imberbe com a corôa de louro.

Foi descoberta em 1844 nas proximidades da villa de Bobadella, do concelho de Oliveira do Hospital, e d'alli remettida em agosto de 1853 ao sr. dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco, governador civil do districto de Coimbra, que logo a offereceu ao museu da Universidade. A pedido da secção de archeologia do Instituto veio como deposito para o mesmo Instituto em 28 de janeiro de 1875.

Tem $0^{m}.52$ de alto.

É o proprio monumento, que com outras antiguidades romanas, achadas n'aquella povoação e seus arredores, o mesmo sr. dr. Henriques Secco mencionou a pag. 105 da sua *Mem. Historico-Chorographica dos diversos concelhos do districto administrativo de Coimbra*:

«A cabeça que agora baptisaremos de *Augusto Cezar*, visto que os bo-«badellenses assim o querem, mostra pelas suas dimensões que deveria «pertencer a um corpo de cerca de 20 palmos: é de granito desconhe-«cido nas pedreiras de Portugal, branco de neve, e tão transparente «como jaspe; tem em torno de si uma cercadura de folhas de louro, e «ainda hoje mostra o delicado talento dos artistas romanos.

A ella se referem tambem a *Carta* do mesmo auctor ao sr. José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco no *Portuguez* de 24 de janeiro de 1853, n.º 239, e o *Appendice*, n.º I, da *Carta de J. B. C. de F Castello Branco ao sr. A. L. de S. H. Secco acêrca da sua censura aos apontamentos da villa de Soure*, pag. 25.

[1] *Revelações da minha vida*, etc. por S. J. da L. Soriano, pag. 101. Veja-se o artigo *Apontamentos Historicos de Coimbra* no *Instituto*, vol. XII, n.º 5, pag. 118.

[2] *Boletim architectonico e de archeologia da real associação dos architectos e archeologos portuguezes*, 2.ª serie, n.º 7.

Como objecto apresentado na exposição districtal de Coimbra de 1869, fizeram d'ella menção o *Tribuno Popular* de 17 de julho d'esse anno, n.º 1403, e a *Exposição Districtal de Coimbra*, pag. 134 e 253.

N.º 7

Amphora de barro vermelho e ordinario, com $0^{m},85$ de altura por $0^{m},99$ de circumferencia no bojo.

Tem a configuração vulgar d'estes azados (διωτη), que, destinados especialmente para conter liquidos, só podiam, pela fórma pontaguda do seu fundo, estar deitados ou enterrados no solo.

Foi ha annos descoberta dentro da cêrca de Condeixa Velha, e ao Instituto offerecida pelo sr. Miguel Osorio Cabral de Castro em maio de 1874 [1].

O seu desenho é o mesmo, que, de outra amphora similhante da bibliotheca publica de Lisboa, se acha publicado no *Archivo Pittoresco*, vol. III, pag. 376.

N.º 8

Fragmento de uma lapide, sepulchral provavelmente, na qual se decifra apenas

. . . VS . SILVANV . . .
. . . ISIPONENSI . . . .
. . . ATVRNINO . F . . .
. . . .

Foi achada ha annos nas ruinas de Condeixa Velha, e ao Instituto remettida pelo sr. dr. Augusto Filippe Simões em junho de 1874 [2].

N.º 9

Dois fragmentos de mosaico, formado de pequenas pedras quadradas *(tesserae* ou *tessellae)*, pretas e brancas.

Foram tirados do pavimento de um edificio romano, descoberto em 1866 dentro da cêrca de Condeixa Velha, e ao Instituto offerecidos pelo sr. Miguel Osorio Cabral de Castro em maio de 1874 [3].

N.º 10

Outro fragmento de mosaico com o fundo branco, listrado de preto e amarello.

Fazia parte do pavimento de uma das casas romanas, descobertas em 1874 juncto a S. Miguel de Machede (Alemtejo) na herdade da Morgada, pertencente ao conde de Rio Maior [4].

Offereceu-o ao Instituto o sr. dr. Augusto Filippe Simões em julho do mesmo anno.

1 Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 24.
2 Livro das actas, etc, fl. 7 v.
3 Livro das actas, etc, fl. 24 v.
4 Descoberta, de que o sr. Antonio Francisco Barata deu noticia no *Panorama Photographico de Port.* vol. IV, n.º 5, pag. 38.

N.º 11

Prato de barro vermelho e ordinario.

Estava encerrado com outros vasos da mesma materia em uma sepultura aberta na rocha, e ha poucos annos descoberta a quatro kilometros da villa de Estremoz, juncto á *fonte do imperador*, na beira da estrada de Lisboa e a pequena profundidade do seu leito [1].

Pelo sr. dr. José Epiphanio Marques foi offerecido ao Instituto em 17 de abril de 1875 [2].

N.º 12

Cão assentado, esculptura grosseira em marmore de Estremoz, com 0^m,31 de comprido desde a cabeça até á cauda.

Estava collocado juncto ao craneo de um esqueleto dentro da sepultura de marmore branco, que em 1873 se descobriu a dois kilometros ao sul de Estremoz, no largo da egreja da pequena povoação de N. Senhora dos Martyres, e a oito ou nove metros da mesma egreja.

Offereceu-o ao Instituto o sr. dr. José Epiphanio Marques em 17 de abril de 1875 [3].

N.º 13

Vaso de barro vermelho e ordinario, de bojo largo, com 0^m,065 de altura. Foi em 1875 encontrado em Alcacer do Sal, e ao Instituto offerecido pelo sr. Miguel Osorio Cabral de Castro em 21 de maio de 1876 [4].

N.º 14

Fragmento de argamassa, composta de cal, e de tijolo e pedra partidos. Foi tirado das ruínas de um edificio romano no districto d'Evora, e no Instituto depositado pelo sr. dr. Augusto Filippe Simões em 28 de maio de 1876 [5].

1 Onde muitas outras sepulturas appareceram, cobertas de lages e tijolos, e conservando ainda fragmentos de esqueletos, muitos vasos de barro de differentes feitios, e alguns lacrymatorios. Não ha n'aquelle sitio outro vestigio de povoação.

2 Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 31 e 31 v.

3 Livro das actas, etc, fl. 31 e 32.

4 Livro das actas, etc, fl. 36.

5 Livro das actas, etc, fl. 38.

EPOCHA DOS GODOS

N.º 1

Lapide sepulchral de $0^m,34$ de alto por $0^m,21$ de largo, commemorativa do fallecimento de Sereniano, de quatro annos de idade, aos VIII das kalendas (24 de novembro) da era de 579, anno 541.

Contém em romano degenerado a inscripção,

SERENIA
NVS FAMV
LVS DI VIXIT
ANVS IIII ET
REQV IN PA
CE VIII KL DE
CEMBRES E
RA DLXXVIIII

Foi descoberta em 1872 na abertura de um alicerce proximo á egreja de Condeixa Velha, e offerecida ao Instituto pelo sr. Miguel Osorio Cabral de Castro em 5 de junho de 1873 [1].

Acha-se publicada no *Instituto,* vol. XVII, junho de 1873, pag. 82.

N.º 2

Fragmento de pedra com lavores nas quatro faces, de $0^m,32$ de alto por $0^m,17$ de largo nas duas faces anterior e posterior, e de $0^m,13$ nas lateraes.

A sua configuração e esculptura parecem indicar que talvez fizesse parte da haste superior ou dos braços de alguma cruz.

Como a lapide precedente foi tambem achada em umas ruinas de Condeixa Velha, e ao Instituto offerecida pelo sr. Miguel Osorio Cabral de Castro em junho de 1873.

N.º 3

Fragmento de pedra com lavores em uma só face, talvez parte de algum friso, ou de outra peça de ornato. Tem $0^m,31$ de alto por $0^m,41$ de largo.

Foi descoberto no mesmo logar do fragmento precedente, e offerecido ao Instituto pelo sr. Miguel Osorio Cabral de Castro em junho de 1873.

[1] Livro das actas da commissão de archeologia do Instituto, fl. 5.

N.º 4

Capitel de 0m,30 de alto com duas figuras de animaes e outros lavores.

Tirou-o o sr. Bento Pereira de Miranda da primitiva capella mór da egreja de S. Thiago de Coimbra, quando em outubro de 1858 foi descoberta e entulhada em parte para o alargamento da antiga rua de coruche. Em 24 de abril de 1873 foi offerecido ao Instituto pelo sr. dr. Augusto Filippe Simões [1], que d'este, e de outro capitel mais pequeno da mesma capella, faz menção nas *Reliquias da architectura romano-byzantina em Portugal e particularmente na cidade de Coimbra*, pag. 14.

Inteiramente similhante a este nos ornatos é o capitel do portico principal da egreja, que nas citadas *Reliquias* se acha desenhado na estampa 1.ª, n.º 3.

N.º 5

Outro capitel de duas faces com 0m,20 de alto, tendo esculpidos em cada face uma ave e outros ornatos.

Foi tirado com o precedente da antiga capella mór da egreja de S. Thiago de Coimbra, sendo como elle mencionado nas citadas *Reliquias*, pag. 14.

Pela sua pequena dimensão é de suppôr que pertencesse a algum columnello ou pilastra das janellas lateraes da dicta capella, descobertas, e tambem entulhadas, em outubro de 1858.

A conjectura de que ambos os capiteis são obra do seculo XI, auctorisam-na o estylo da sua esculptura, e a tradição, geralmente recebida, de que o templo de S. Thiago fôra fundado pelo alvazil e governador de Coimbra, o conde D. Sesnando [2].

EPOCHA DOS ARABES

N.º 1

Dois pequenos fragmentos de estuque com lavores de folhas e fructos.

Foram ha annos descobertos nas ruinas de um edificio arabe, no alto do castello de Montemór Velho, onde ao presente se acha construido o cemiterio d'aquella povoação.

Pela analyse, que n'elles fez o fallecido socio do Instituto, o dr. Francisco Antonio Alves, verificou-se que eram compostos de certa massa, em que predominavam o gêsso e argila.

São os proprios ornatos, que o sr. dr. Augusto Filippe Simões mencionou nas citadas *Reliquias da architectura romano-byzantina*, nota I no fim, e para o museu do Instituto offereceu em 26 de janeiro de 1874 [3].

[1] Livro das actas da commissão de archeologia do Instituto, fl. 3 e 8 v.

[2] Em honra do apostolo e patrono das Hespanhas, a cuja intervenção milagrosa se attribuiu a tomada da cidade aos sarracenos em 24 ou 25 de julho de 1064.

D. Sesnando falleceu em Coimbra aos 25 de agosto de 1091 — *Chron. Gothorum*, nas *Diss. Chron.* tom. III, pag. 19, e *Port. Mon. Historica. Scriptores. Fasc.* I, pag. 10.

[3] Livro das actas da commissão de archeologia do Instituto, fl. 13 v.

N.º 2

Base de columna e capitel com lavores, de marmore branco.

Pertenciam ao mesmo edificio, em cujas ruinas, no alto do castello de Montemór Velho, foram encontrados os dois fragmentos de estuque, n.º 1 d'esta epocha. A pedido da secção de archeologia do Instituto foram no seu museu depositados pela camara municipal de Montemór Velho em 24 de abril de 1875 [1].

Este capitel, de 0^m,32 de alto, é o mesmo, de que tambem faz menção o sr. dr. Augusto Filippe Simões nas citadas *Reliquias da architectura romano-byzantina*, nota I no fim.

EPOCHA PORTUGUEZA

N.º 1

Lapide sepulchral, de 0^m,47 de alto, com a cruz de templario em uma só face.

Foi descoberta por alguns membros da commissão de archeologia do Instituto no terreno de um antigo cemiterio, proximo á egreja matriz de Tentugal, e recolhida no museu do mesmo Instituto em janeiro de 1874 [2].

A cruz é muito similhante á da lapide sepulchral de Vermudo, da era de 1224, anno de 1186, existente na capella de S. Marcos da egreja do Salvador de Coimbra, e estampada no *Antiquario Conimbricense*, n.º 6, pag. 72.

N.º 2

Outra lapide como a precedente, tendo em uma das faces a cruz de templario, e na face opposta uma variante da mesma cruz com um quadrado no centro, e dentro d'este um pequeno circulo.

Tem 0^m,59 de alto, havendo tambem sido encontrada no mesmo logar da lapide precedente em janeiro de 1874.

N.º 3

Capitel de 0^m,32 de alto, com lavores de folhas e cordões entrelaçados.

Estava embebido na parede de um pardieiro ao fundo do quintal, que foi claustra da egreja antiga de S. Justa de Coimbra, a partir com o adro de S. Justa e a rua direita d'esta cidade. [3] Por deliberação da junta de parochia da freguezia de S. Cruz, a pedido da secção de archeologia do Instituto, foi depositado no seu museu aos 24 de fevereiro de 1875 [4].

N.º 4

Tumulo de pedra, com 2^m,87 de comprimento e 0^m,56 de altura por 0^m,87

[1] Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 32 v.
[2] Livro das actas da commissão de archeologia do Instituto, fl. 13 v.
[3] Nota III no fim.
[4] Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 28.

de largo na cabeceira e 0^m,60 nos pés, faltando a tampa ou cobertura, de que nenhum vestigio se encontrou.

Em romano gothico com algumas lettras conjunctas, de quasi um centimetro de alto, decifra-se na face da cabeceira e na lateral da direita o epitaphio,

E ⋮ M ⋮ CC ⋮ IIII ⋮ IDVS ⋮ IVNII ⋮ OBIIT ⋮
MARIA ⋮ MENENDICI ⋮ VXOR ⋮ IHNS ⋮ PELAGII ⋮

Estava servindo de caixão para flores no quintal, que foi claustra da egreja antiga de S. Justa de Coimbra, a partir com o adro de S. Justa e a rua direita d'esta cidade. Por deliberação da junta de parochia da freguezia de S. Cruz, a pedido da secção de archeologia do Instituto, foi no museu depositado com o capitel, n.º 3 d'esta epocha, em 24 de fevereiro de 1875 [1].

É a propria sepultura ou arca de pedra, da era de 1204, de que já deram noticia o *Instituto,* vol. x, n.º 3, pag. 63 e vol. XXIII, n.º 7, pag. 36, o *Guia Historico do Viajante em Coimbra,* pag. 22, e a *Historia Breve de Coimbra* por B. de B. Botelho, segunda edição annotada pelo sr. A. Francisco Barata, not. 23, pag. 65.

N.º 5

Lapide sepulchral de Pedro Affonso, fallecido aos VII das kalendas de setembro (26 de agosto) da era de mil duzentos e....

Contém em romano gothico a seguinte inscripção, em cuja linha quinta faltam as ultimas lettras, que completavam a era.

HOC ⋮ IACET ⋮ IN TVMVLO
Q ⋮ E ⋮ IN MEDIO ⋮ PORTE ⋮
PETRVS ⋮ ALFONSVS ⋮ Q ⋮ OBIIT
VII KLS ⋮ SETEMBRIS ⋮ IN ⋮
ERA ⋮ M ⋮ CC ⋮ ....

Estava mettida ás vessas como material de construcção na frontaria da antiga capella de S. João, hoje de S. Braz, no castello de Montemór Velho, á direita do portal juncto ao alicerce. D'este logar foi tirada, e remettida para o museu do Instituto, pelo sr. Adolpho Ferreira de Loureiro em fevereiro de 1874 [2].

Tem 0^m,35 de largo por 0^m,20 de alto.

N.º 6

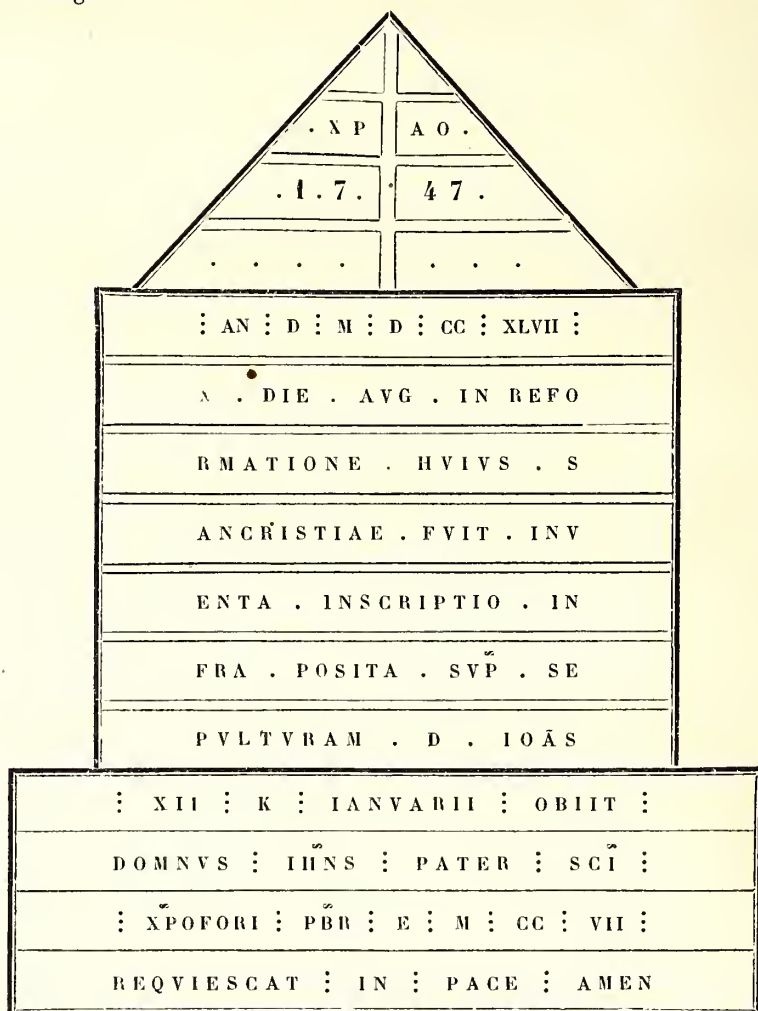
Lapide sepulchral de João Padre, presbytero da egreja de S. Christovão

[1] Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 28.
[2] Livro das actas, etc, fl. 15.

de Coimbra, e fallecido aos XII das kalendas de janeiro (21 de dezembro) da era de 1207, anno de 1169. Tem 0m,20 de alto por 0m,43 de largo.

Outra lapide sobre esta collocada, e commemorativa da sua achada em 10 de agosto de 1747, quando se reformou a sacristia da egreja de S. Christovão. É de fórma triangular na parte superior, com 0m,31 de largo por 0m,34 de alto no centro.

Estavam ambas embebidas na parede, sobre o portal da sacristia da mencionada egreja de S. Christovão de Coimbra, d'onde foi tirado o desenho, que se publicou no *Antiquario Conimbricense*, n.º 8, pag. 58. Demolida em 1860 a dicta egreja para a construcção do theatro de D. Luiz I [1], foram as duas lapides recolhidas pelo sr. Manuel da Cruz Pereira Coutinho, que no Instituto as depositou em 7 de maio de 1875 [2].

Uma e outra contém as inscrípções seguintes, aquella em romano gothico, maiusculo e minusculo com algumas abreviaturas, esta em romano inicial, imitando o antigo.

1 *Guia Historico do Viajante em Coimbra*, pag. 182.
2 Livro das actas da secção de archeologia do Instituto fl. 32 v.

N.º 7

Lapide de $0^m,90$ de largo por $0^m,36$ de alto, commemorativa da fundação da torre quinaria do antigo castello de Coimbra por D. Sancho I na era de 1236, anno de 1198.

Contém em romano gothico com muitas lettras conjunctas e inclusas, e algumas falhas e mutilações, a inscripção

+ ⁝ ERA ⁝ M ⁝ CC ⁝ XXX.... REGNANTE ⁝ AP.... PORTVGALE ⁝ REGE ⁝ SANCIO ⁝ INCLITI ⁝ REGIS ⁝ ALF....
ET ⁝ REGINE ⁝ MAHALDE ⁝ FILIO ⁝ ET ⁝ ILLVSTRIS ⁝ COMITIS ⁝ HENRICI ⁝ ET ⁝ NOBILISSIME ⁝ TARA....
REGINE ⁝ NE....OTE ⁝ IPSO ⁝ IVBENTE ⁝ CONSTRVCTA ⁝ EST ⁝ HEC ⁝ TVRRIS ⁝ ANNO ⁝ REG...
....SIVS ⁝ ET ⁝ VXORIS ⁝ EIVS ⁝ REGINE ⁝ DVLCIE ⁝ TERCIO ⁝ DE....
A CAPCIONE ⁝ VER....IVITATIS ⁝ COLIMBRIE ⁝ PER ⁝ REG....
NANDVM ⁝ EX ⁝ SARRACENIS ⁝ CENTESIMO ⁝ TRICESI....
PRESIDENTE ⁝ TVNC ⁝ IN ⁝ PREDICTA ⁝ CIVITATE ⁝ EPISCOPO ⁝ DNO ⁝ PET....

Estava collocada sobre a porta da torre, cuja fundação commemorava, e d'onde a Academia Real de Historia Portugueza mandou tirar o desenho, que publicou o seu socio F. Leitão Ferreira no *Catalogo Chron. Critico dos Bispos de Coimbra*, pag. 76 [1]. Principiada a demolição do castello em 19 de abril de 1773, foi a pedra apeada do seu logar aos 15 de março de 1774, sendo logo recolhida em um armazem do museu da Universidade [2], e mais tarde exposta com outras lapides no terreiro da mesma, sobre um pedestal de alvenaria, á esquerda do portico da bibliotheca. Tirada d'este logar, em 23 de dezembro de 1867, para uma casa terrea do collegio de S. Pedro, veio d'ahi transferida como deposito para o Instituto em maio de 1873.

Além do desenho mencionado ainda outras copias se tiraram e publicaram com diversas interpretações, particularmente quanto ás lacunas das datas na primeira, quarta e sexta linhas. A difficuldade estava, com effeito, em completar essas datas de fórma que acertassem exactamente com as eras conhecidas da conquista de Coimbra, e do principio do governo de D. Sancho I. Essas duvidas parece, porém, havel-as resolvido, depois de escrupuloso exame no monumento, o auctor das *Diss. Chron.* tom. I, pag. 27, e tom. II, pag. 102, cuja interpretação foi tambem adoptada no *Instituto*, vol. X, n.º 10, pag. 218.

No conceito d'aquelle laborioso antiquario a falha da primeira linha, depois da ERA ⁝ M ⁝ CC ⁝ XXX..., devia conter o numeral romano VI e não o II, como suppozeram fr. Leão de S. Thomaz, o conego Nogueira, e os academicos F. L. Ferreira, fr. Manuel da Rocha e A. C. de Sousa.

Repara-se attentamente na dicta falha, e ahi parece, com effeito, divisar-se a parte inferior da primeira haste obliqua do V, e o espaço, que ainda sobeja, para a perpendicular da lettra I.

No final da quarta linha, em continuação do DE, suppoz o mesmo antiqua-

[1] Na *Collecção dos Doc. e Mem. da A. R. de Hist. Port.* tom. IV de 1724.
[2] Nota IV no fim.

rio, como antes d'elle advertira o academico Leitão, que se deviam accrescentar as syllabas CIMO para assim completar o ordinal DECIMO.

Examina-se bem a lapide, e ahi se distingue muito visivel a extremidade superior do C quadrado (gothico), e o intervallo sufficiente para as lettras seguintes.

Considerando, finalmente, a grande lacuna na sexta linha em seguida ao TRICESI, n'ella se póde medir espaço bastante, não só para a syllaba MO, como para o TERCIO, que entreviu o mencionado J. P. Ribeiro, completando assim a leitura d'esta data CENTESIMO TRICESIMO TERCIO.

E substituidas por esta fórma as dictas lacunas, fica determinada a fundação da torre em algum dos mezes anteriores a julho da era de 1236, a que correspondem os cento e trinta e tres annos completos depois da conquista de Coimbra em julho da era de 1102. Com a mesma data da fundação vem acertar tambem o decimo terceiro anno iniciado do reinado de D. Sancho I, a contar do fallecimento de D. Affonso Henriques em 6 de dezembro da era de 1223, e o episcopado de D. Pedro Soares, que da era de 1230 se prolongou até á de 1271 [1].

Quanto ás outras falhas ou lacunas é facillima a sua reconstrucção [2].

Póde, portanto, completar-se a leitura da inscripção pela fórma seguinte:

+ : ERA : M : CC : XXX : VI : REGNANTE : APVD : PORTVGALE : REGE : SANCIO : INCLITI :
REGIS : ALFONSI :
ET : REGINE : MAHALDE : FILIO : ET : ILLVSTRIS : COMITIS : HENRICI : ET : NOBILISSIME :
TARASIE :
REGINE : NEPOTE : IPSO : IVBENTE : CONSTRVCTA : EST : HEC : TVRRIS : ANNO : REGNI :
IPSIVS : ET : VXORIS : EIVS : REGINE : DVLCIE : TERCIO : DECIMO :
A CAPCIONE : VERO : CIVITATIS : COLIMBRIE : PER : REGEM : FER
NANDVM : EX : SARRACENIS : CENTESIMO : TRICESIMO : TERCIO :
PRESIDENTE : TVNC : IN : PREDICTA : CIVITATE : EPISCOPO : DNO : PETRO :

N.º 8

Lapide sepulchral de D. Honorico, sacerdote da egreja de S. Pedro de Cantanhede, fallecido aos XV das kalendas de abril (18 de março) da era de 1320, anno 1281 da Incarnação e 1282 do Nascimento.

Occupa o centro da lapide um baixo relevo, representando N. Senhora na cadeira com o Menino no regaço, uma flor de liz na mão direita, e aos pés um clerigo ajoelhado, de mãos postas e levantadas como em oração. Pela parte superior, e aos lados d'esta esculptura, corre em gothico maiusculo e minusculo, com abreviaturas e algumas pequenas falhas, a inscripção seguinte, que, se bem a deciframos, vae transcripta como no proprio original se acha collocada.

[1] *Not. hist. do mosteiro da Vacariça* pelo fallecido socio do Instituto, M. R. de Vasconcellos, *Continuação da part.* II, pag. 2. *Instituto*, vol. VIII, n.º 6, pag. 94.

[2] Nota V no fim.

⁝ ✠ ⁝ A N N O ⁝ A B I N N C A R N A C I O N...
⁝ M ⁝ CC ⁝ LXXXI ⁝ E ⁝ M ⁝ CCC ⁝ XX ⁝ XV

KLS ⁝ APRILIS		O B I I T ⁝ D Õ
NVS ⁝ HONORI		CVS ⁝ ECCLE ⁝
S C̃ I ⁝ P E T R I		D E ⁝ C A N T O
N E T V ⁝ S A		CERDOS ⁝ IN I
S T O ⁝ S E P V		LCRO ⁝ NOBILI ⁝
T V M V L A		TVS ⁝ CVIVS ⁝
M O R S ⁝ D E O		E T ⁝ H O M I
N I B V S ⁝ G R A		T A ⁝ F V I T ⁝
C R E A T O R I		O M N I V M ⁝ S Ẽ
P E R ⁝ G R		...TES ⁝ AMEN

Pertencia este monumento á sé velha de Coimbra, da qual foi, ha muitos annos, removido para a sé nova da mesma cidade. Por deliberação do reverendo cabido, a instancias do fallecido conego, o dr. Francisco da Fonseca Correia Torres, veio como deposito para o Instituto em agosto de 1874 [1]

Mede toda a lapide $0^m,40$ de alto por $0^m,30$ de largo.

N.º 9

Baixo relevo em pedra, moldurado, de $0^m,85$ de largo por $0^m,64$ de alto.

Dentro de dois porticos ou arcadas ogivaes de volta tricentrica, firmadas sobre uma columna sextavada, representam-se dois quadros ou grupos distinctos.

No da direita vê-se a cruz sobre um pequeno calvario, e n'ella pregado o Salvador, coberto da cintura aos joelhos e com os pés quasi sobrepostos, mas sem suppedaneo. Sobre a fronte do Crucificado dois anjos lhe assentam as corôas de espinhos e de rei. Orando e chorando juncto á cruz, acompanham-no N. Senhora e S. João.

Na orla superior da moldura, correspondente a este grupo, é legivel em gothico maiusculo e minusculo,

IHS ⁝ NAZARENVS ⁝ REX ⁝ IVDEORŨ ⁝

No quadro opposto sobresae entre todas a figura da Virgem coroada e assentada, com o Menino vestido no regaço, e na mão direita um globo. Á sua esquerda está levantado um pequeno altar, e juncto a este o arcebispo S. Ildefonso, mitrado e em pé. Um anjo, descendo do alto, traz pendente das mãos uma alva de sacerdote. É o premio que a Senhora offereceu ao sabio prelado, e elle acceitou, pela defesa, que por ella tomára da sua illibada e perpetua vir-

[1] Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 25.

gindade [1]. Na orla superior da moldura decifra-se, tambem em gothico maiusculo e minusculo com abreviaturas e uma pequena falha,

H ⁝ Ē ⁝ VESTIM...... ⁝ VIRGO ⁝ M ⁝ ATTULIT
SC̃O ⁝ ILDEFÕNSO ⁝

Na sacristia da capella de S. Comba de Coimbra estava collocada esta antiga esculptura, sobre uma peanha lavrada e mettida na parede a $1^{m},54$ do pavimento. Por deliberação do reverendo cabido da mesma cidade [2], a instancias do fallecido conego, o dr. Francisco da Fonseca Correia Torres, veio como deposito para o Instituto em dezembro de 1874 [3].

Que sería obra do seculo XIII, ou principio XIV, indicam-no o typo gothico das inscripções, e o desenho e lavor das figuras, e dos seus accessorios.

N.º 10

Lapide sepulchral, de $0^{m},27$ de largo por $0^{m},22$ de alto, com algumas fracturas e mutilações.

Contém em gothico maiusculo a inscripção commemorativa do fallecimento de Gonçalo Dias (?), deão de Coimbra, aos IX das kalendas de março (21 de fevereiro) da era de 1339, anno de 1301.

IX ⁝ K ⁝ MARCI ⁝ OBIIT ⁝ G.....
SARIS ⁝ DIDACI ⁝ DECAN....
COLINBRIENSIS ⁝ ERA ⁝ M ⁝
CCC ⁝ XXX ⁝ VIIII ⁝

Descobriu-a em 1859 o sr. Antonio Maria Seabra d'Albuquerque na capella da claustra da sé velha d'esta cidade, onde de ha muito se acha estabelecida a loja dos livros da imprensa da Universidade, ao fundo da rua do norte. Pelo mesmo senhor foi offerecida ao Instituto em 3 de julho de 1873 [4].

1 No livro *De Virginitate B. Mariae* contra Joviniano, Helvidio e outros.

É a mesma lenda, que se acha representada no retabolo do altar da capella de S. Ildefonso na egreja de S. Thiago de Coimbra.

No reinado de Recesvindo se finou este sancto arcebispo de Toledo, aos 23 de janeiro de 667. Vejam-se as suas biographias na *Espanã Sagrada*, tom. V, pag. 463, 482 e 502.

2 A quem pertence a administração e conservação da mencionada capella, que antigamente era do concelho. *Indice Chronologico dos Pergaminhos e Foraes do arch. da camara municipal de Coimbra*, pag. 53.

3 Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 24 v. e 25 v.

4 Livro das actas da commissão de archeologia do Instituto, fl. 7 v.

N.º 11

Capitel de duas faces com o escudo das barras d'Aragão entre dois leões, muito mutilados. Tem 0m,45 de alto no centro.

Estava servindo como material de construcção na parede divisoria do corredor e cellas do terceiro andar do convento novo de S. Francisco da Ponte de de Coimbra, parede demolida em novembro de 1875.

Foi ao Instituto offerecido em 19 de janeiro de 1876 pelos srs. Adelino Antonio das Neves e Mello (filho) e José Matheus dos Santos, como directores da companhia de fiação e tecidos de Coimbra, estabelecida no edificio do dicto convento desde 19 de maio de 1875 [1].

É de suppôr que para a obra do mesmo convento, principiada em 1602, seria este capitel aproveitado das ruinas do mosteiro velho de S. Clara, em cuja egreja, edificada por mandado da rainha S. Isabel [2], são ainda visiveis alguns capiteis com os escudos das quinas de Portugal e das quatro barras d'Aragão.

N.º 12

Padrão commemorativo da fundação de uma torre do antigo castello de Coimbra por el-rei D. Fernando na era de 1412, anno de 1374. Tem 1m,02 de largo por 0m,78 de alto no centro.

Compõe-se este monumento de dois escudos a par, em branco o da rainha D. Leonor Telles á esquerda, o do reino á direita com nove castellos e quatro quinas sómente por se haver perdido o remate superior, que deviam occupar a quina e castellos que faltam. Por debaixo dos escudos enxerga se em monachal, ou gothico redondo maiusculo, com algumas abreviaturas, a inscripção, que o auctor das *Diss. Chron.* citou apenas no tomo IV, parte I, pag. 120, e o sr. Manuel da Cruz Pereira Coutinho decifrou pela fórma seguinte [3].

ERA ⋮ DE ⋮ MIL ⋮ CCCC ⋮ XII ⋮ ANOS ⋮ XXIIII ⋮
DIAS ⋮ DE ⋮ JULHO ⋮ FOI ⋮ COMEÇADA ⋮ AQUESTA ⋮
TORRE ⋮ NOVA ⋮ QUE ⋮ HORA ⋮ COM ⋮ ESTA ⋮ OBRA ⋮ MANDOU ⋮ FAZER ⋮
O ⋮ MUI ⋮ NOBRE ⋮ REI ⋮ D ⋮ FERNANDO ⋮ DE ⋮ PORTUGAL ⋮ E ⋮ DO
ALGARVE ⋮ ....

Como outros similhantes padrões, que ainda ao presente se conservam, tambem este se achava collocado sobre a entrada da torre, cuja fundação commemorava. Demolida esta para a construcção do novo observatorio astronomico em 1773, foi aquelle seguindo a mesma sorte da inscripção da torre quinaria e

1 Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 35.

2 Antes de 1327, e continuada nos annos seguintes para substituir a pequena e arruinada egreja do primitivo mosteiro de S. Isabel e S. Clara, fundado por D. Maior Dias em 28 d'abril de 1286.

3 *Hist. Breve de Coimbra* por B. de B. Botelho, edição de 1874, annotada pelo sr. Antonio Francisco Barata, pag. 61.

das outras lapides, achadas nas ruinas do castello, sendo tambem com ellas exposto em um pedestal no terreiro da Universidade, juncto ao portico da bibliotheca. D'ahi foi mais tarde recolhido em uma casa terrea do collegio de S. Pedro, onde se conservou até ser depositado no Instituto em maio de 1873.

O resultado d'estas transferencias foram, como era de esperar, a mutilação já mencionada na parte superior dos dois escudos, a grande fractura que cortou o padrão em toda a sua altura, e as muitas falhas que o deterioraram, particularmente na pedra da inscripção.

Quanto á *torre nova*, começada em 1374, é de suppôr que fosse a mesma que, para melhor defesa da cidade, D. Fernando mandou construir n'esse tempo á custa das fintas e serviços dos concelhos, para essa obra especialmente reservados [1]. Por ventura seria tambem a propria, que mais tarde tomou o nome de *tore das mulheres*, com que apparece, com effeito, designada uma torre do castello no apontamento da obra, que n'ella e na *tore dercules* havia a fazer em 1573 [2].

N.º 13

Lapide de 0^{m},54 de alto por 0^{m},67 de largo, contendo, em gothico quadrado, minusculo e resaltado, com abreviaturas e algumas falhas, a sentença

Amice . sequere . me . et . nõ . dimi
ttam . te . vivere . ĩ . servitute . et . mori .
ĩ . paupertate . qui . usque . me . . . . . .
peperit . memoriã . sophiã . me .
vocãt . greci . et . sapiẽciã . ego .
odi . homines . stultos . et . igno
. . . vita . operã . in . qua . nom . sit .
aliqua . utillitas .

É a propria *pedra quadrada de dois palmos e meyo*, sobre a qual tinha as mãos, a modo de quem estava *dictando em cadeira*, a antiga estatua da sapiencia do collegio de S. Paulo de Coimbra, que D. José Barbosa descreveu nas *Memorias* do dicto collegio [3]. Estavam ambas mettidas em um nicho quadrado

1 Nota VI no fim.
2 Nota VII no fim.
3 Estatua «de meyo corpo, vestida de roupas largas, cingida com hum cinto de «tres dedos de largura, ornado de differentes bordados, o cabello comprido e solto, «a que coroão rosas e outras flores. Tem as mãos sobre huma pedra quadrada de «dous palmos e meyo, de modo que representa que está dictando em cadeira — *Mem.* cit. pag. 5, na *Collecçam dos Doc. e Mem. da A. R. de Hist. Port.* 1727. — *Noticias Chron. da Univ. de Coimbra* por F. L. Ferreira, pag. 86.

da pequena casa terrea e quadrada, que ficava proxima á capella do collegio, e na qual o mesmo academico suppoz que se leram as sciencias no tempo de D. Diniz [1].

Extinctas as ordens religiosas em 1834, foi o edificio incorporado nos bens nacionaes, sendo em 1838 concedido á Nova Academia Dramatica para a construcção do seu theatro, cujas obras começaram n'esse mesmo anno [2]. Nos entulhos da demolição ficaria então sepultada a referida lapide, se por ventura lhe não acudisse a tempo o mestre das obras da Universidade, o sr. João Feliciano, que juncto ao portico da bibliotheca a mandou collocar sobre o monumento romano de Caio Julio Materno [3]. Tirada d'aquelle logar com as outras lapides em dezembro de 1867, veio tambem para o Instituto removida em junho de 1873.

Como é facil de verificar, não parece completamente exacta a leitura da inscripção, publicada pela primeira vez nas citadas *Memorias* e repetida depois com a nota de suspeita no *Instituto*, vol. x, n.º 10, pag. 219. Essa inexactidão desculpam-na, todavia, em parte a desfavoravel collocação, que em outro tempo tinha a lapide para ser examinada, e bem assim as injurias ou deteriorações da sua muita antiguidade, que, como resalva contra enganos, se não esqueceu de notar o auctor das dictas *Memorias*.

Quanto á sua data, se realmente a teve no final da ultima linha, muito ha que desappareceu de todo [4].

O typo gothico dos caracteres permitte apenas conjecturar que ella seria lavrada no seculo XIV, talvez em algum dos periodos, em que a Universidade esteve em Coimbra e algumas cadeiras se regeram na casa, onde mais tarde (1549) se fundou o collegio [5]. Que seria muito anterior a 1576 parece denuncial-o, com effeito, essa outra inscripção, commemorativa da restauração dos estudos no mesmo collegio em 6 de outubro d'esse anno, inscripção tambem copiada pelo academico Barbosa, e transcripta no citado *Instituto*, a pag. 220 [6].

1 Nota VIII no fim.

2 Doação confirmada pela C. R. de 15 de setembro de 1841 nos *Estatutos da Acad. Dramatica*, edic. de 1849, *Chronica Litteraria da N. A. D.* 1840, pag. 1, *Revista Academica* de 1845-1848, pag. 4, e o *Conimbricense* de 6 de abril de 1872, n.º 2577.

3 N.º 5 da epocha romana, n'este *Catalogo* pag. 7. Vejam-se a *Mem. Hist. da Universidade de Coimbra* no *Instituto*, vol. I, pag. 376, e o mesmo *Instituto*, vol. x, pag. 219.

4 «A era em que se gravou esta Inscripção, já se não póde ler.» Cit. *Mem.*

5 Isto é, desde 1307 a 1338 e desde 1354 a 1377 — *Noticias Chron. da Univ. de Coimbra* por F. L. Ferreira, o art. *Universidade* na *Revista Academica*. pag. 254. *Mem. Hist. da Univ. de Coimbra* no *Instituto* vol. I, pag. 373, e vol. II, pag. 27, e *Mem. da Univ. de Coimbra* por F. C. Figueiroa, no *Annuario da Univ.* 1873-1874, pag. 228.

6 A qual estava collocada na parte superior do nicho da sapiencia em uma pedra comprida e estreita. Lia-se n'ella:

Lux, amor, auxilium, honos hominum, sapientia, sedem
Obruerat tenebris sors inimica tuam.
Restituit soboles solium vocale parenti,
Tu decora sobolem sceptro, opibusque piam.
MDLXXVI Prid. Non. Octob.

Tambem concordou na existencia e data d'este lettreiro o auctor do *Discurso Apologetico*, pag. 509.

N.º 14

Lapide sepulchral, commemorativa do fallecimento do presbytero Domingos Apparicio, de Cantanhede, na era de 1400, anno de 1362, e da instituição de uma missa diaria e de um anniversario para sempre pela alma do finado, e pelas de seus paes e bemfeitores, na capella de S. Julião, que lhe fôra concedida pelo bispo de Coimbra D. Raymundo.

Dil-o em gothico maiusculo e minusculo, com muitas abreviaturas e lettras inclusas, o epitaphio

✠ : HIC : IACET : DOMINICUS : APARICII : PRESBITER : DE CÃTANIDE : CUIVS : ANIMA : RE
QUIESCAT : Ĩ PACE : AMẼ : ET PRO : ANIMA : SUA : DEBET : CELEBRARI : COTIDIE
UNA : MISA : Ĩ ISTA : CAPELLA : BEATI : IULIANI : QUE : SIBI : FUIT : CÕCESA : PER :
DOMINŨ
REIMŨDŨ : EPISCOPŨ : COLĨBRIEN : ESCIÃ : Ĩ : ISTA : CAPELA : DEBET : RECITARI :
HORE : CANONICE : ET : HORE : DEFŨTORŨ : ET : CAPELANUS : SUUS : DEBET : VENIRE :
SUPER : SEPULTURA :
SUA : CŨ : CRUCE : ET : AQUA : BENEDICTA : ET : ECIÃ : PATRIS : ET : MATRIS : EIUSDẼ :
ET : STE
PHANI : DULAMACAL : ET : DONE : IUSTE : DE : LEMIDE : ET : OMNIA : OMNI : DIE :
DEBENT : ADĨ
PLERI : ITẼ : PRO ANIMA : CUIUSLIBET : ISTORŨ : OMNI : ANO : DEBET : FIERI :
ANIUERSARIŨ : Ĩ : TALI : DIE : SICUT :
IPSI : MIGRAVERŨT : AD DOMINŨ : ET : QUILIBET : MISA : DEBET : CANTARI : SOLLENITER :
PRO : ANIMA : ISTIUS : ET :
ALIORŨ : BENEFACTORŨ : PER : CAPELANŨ : SUŨ : ET : PER SUCCESORES : EIUS : Ĩ :
PERPETUŨ :
ITA : UT : Ĩ : TESTAMENTI : SUI : LACIUS : CÕTINETUR : QUÃ : SUPRADITUS : DOMINICUS :
APARICII :
OBIIT : Ē : M : CCCC :

D'esta leitura vê-se, portanto, que a lapide devia estar collocada na capella de S. Julião do claustro da sé velha de Coimbra, onde se haviam de celebrar os suffragios determinados no testamento de Domingos Apparicio. Transferida, porém, de ha muito para a sé nova com a sepulchral de D. Honorico, tambem por intervenção do fallecido conego, o dr. Francisco da Fonseca Correia Torres, veio como deposito para o Instituto em agosto de 1874 [1].

Tem $0^{m},48$ de largo por $0^{m},42$ de alto.

[1] Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 25.

N.º 15

Brazão da cidade de Coimbra, de $0^m,33$ de alto por $0^m,25$ de largo, tendo muito desgastado pela acção do tempo o meio corpo de donzella, e bem conservados o calix no centro, a serpe á direita e á esquerda o leão. Por debaixo do brazão, separado por um pequeno espaço, decifra-se

ESTA . CASA . HE . DA . CI
DADE . DE . COIMBRA.

Estava collocado sobre a verga do portal de uma casa em ruínas na entrada da rua dos Coutinhos, á direita, fazendo esquina com o largo da sé velha. Tirado ha annos d'aquelle logar, foi em 27 de novembro de 1873 offerecido ao Instituto pelo dono da mencionada propriedade, o sr. dr. Manuel Marques de Lima e Figueiredo [1].

O lavor da esculptura, o typo allemão da inscripção e o carcomido da pedra, são indicios de que este brazão será, por ventura, dos primeiros, que sobre os portaes dos edificios do concelho, proprios ou aforados, começaram a apparecer depois de 1503 [2].

N.º 16

Padrão commemorativo da construcção e reedificação da ponte real de Coimbra em 1513.

Tem a fórma de painel moldurado, de $1^m,84$ de alto por $1^m,65$ de largo, avultando na parte superior do quadro, entre dois escudos do reino, a figura em meio relevo de N. Senhora na cadeira com o Menino no regaço, e na parte inferior n'uma larga faxa, que dois anjos desdobram, em allemão minusculo floreteado, a inscripção

O sserenisimo principe: alto he mui poderoso rey dom
emanuell neso sõz o prim^ro ẽ este nome he quatoz
ze na dinidade reall: mãdou fazer de novo esta põte
ate as esperas he redificar ate a cruz de sã ffr^co he da
dita cruz ate sãta crara de nouo he acrecẽtar es
ta tore he muro era de myll he V^c e XIII anos

[1] Livro das actas da commissão de archeologia do Instituto, fl. 12.
[2] Nota IX no fim.

No bordo inferior da moldura, e debaixo d'elle, continúa,

veador fernã de saa e prouecdor e contador....esta comarqua
d° me fez

Correspondendo á lettra da inscripção foi o padrão, com effeito, collocado sobre o arco e porta da torre, accrescentada n'aquelle reinado, e pela qual se entrava da ponte para a cidade. Depois, posta por terra a dicta torre no fim de 1836 ou principio de 1837, passou o mesmo monumento para a parede do mirante da casa dos srs. Abreus, tambem em frente da ponte, sendo por essa causa desalojado do seu oratorio o S. Agostinho de pedra, que alli existia de ha muito [1]. Ultimamente, por effeito ainda de novas demolições para o alargamento do largo da portagem [2], foi o dicto padrão outra vez apeado aos 14 de outubro de 1873, e recolhido nos paços do concelho, d'onde por deliberação da camara municipal, de 19 de fevereiro de 1874, a pedido do Instituto, veio como deposito para o seu museu em 24 dos dictos mez e anno [3].

N'este ultimo apeamento reconheceu-se que o quadro do centro fôra primitivamente de uma só pedra, fracturada depois em toda a sua altura, e que a parte superior da moldura antiga estava substituida por outra moderna, mas sem os lavores vasados, que deviam corresponder aos dos lados e fundo da mesma moldura. Descobriu-se tambem que muitas outras fracturas e falhas havia em differentes peças da esculptura, achando-se mutiladas de ha muito a corôa, que dois anjos sustentavam sobre a cabeça da Virgem, a mão direita da mesma Virgem, ambas as mãos de Jesus, e as corôas dos dois escudos do reino.

Todos esses fragmentos, colligidos e guardados então muito cautelosamente, foram depois acertados e unidos com a possivel exactidão, ficando o monumento embebido na parede da sala do museu, onde se julgou que melhor poderia estar exposto e conservado.

As estampas de todo o painel, e em especial da sua inscripção até á linha sexta, acham-se publicadas no *Antiquario Conimbricense*, n.° 1.

Quanto ao nome do esculptor a sigla *d°* no fim da inscripção diz-nos apenas que elle se chamava Diogo. Assim, na carencia do appellido, talvez não seja muito arriscada a conjectura de que esse *d°* fosse o proprio Diogo de Castilho, o unico d'este nome, que em Coimbra apparece, com effeito, até 1570, não só como vedor da obra da ponte, architecto, esculptor e mestre de muitas obras importantes, mas ainda como proprietario, cidadão e vereador [4]. N'este supposto, o padrão de 1513 será, por ventura, um trabalho artistico da sua adolescencia, visto constar com certeza que elle falleceu de edade avançada antes de 1577 [5].

[1] Nota x no fim.

[2] Demolições principiadas em setembro de 1873, e que então comprehenderam parte da antiga casa dos srs. Abreus, de Ponte de Lima, tres casas do sr. Elias José de Moraes, de Cantanhede, e duas do sr. José Fortunato de Goes Mendanha Pereira de Carvalho Raposo, de Montemór Velho.

De outras demolições no mesmo logar, anteriores a estas e posteriores a 1835, deu noticia o *Conimbricense* de 29 de julho de 1873, n.° 2714.

[3] Nota xi no fim.

[4] Nota xii no fim.

[5] Nota xiii no fim.

Com relação ao *veador fernã de saa,* é fóra de duvida que em 1510 já exercia este cargo, e que n'elle despendera o dinheiro de certa finta, que para as obras dos caminhos fôra especialmente destinada [1].

N.os 17 e 18

Duas espheras armillares em meio relevo, uma com 0^m,57 de alto por 0^m,45 de largo, a outra com 0^m,54 de alto por 0^m,38 de largo.

Estavam collocadas de um e outro lado da antiga ponte real de Coimbra sobre a volta do oitavo arco, a contar da cidade [2].

Inaugurada em 14 de julho de 1873 a demolição da dicta ponte [3], foram ambas apeadas no agosto seguinte, e ao Instituto offerecidas pelo sr. Mathias Cypriano Heitor de Macedo, director das obras publicas do districto [4].

São duas das proprias espheras ou *esperas* (empresa de el-rei D. Manuel), que, no dizer do padrão da construcção da mesma ponte em 1513, indicavam o limite onde essa obra terminava, e principiava a da reedificação até á cruz de S. Francisco.

É de crêr que na demolição do mencionado arco ficasse completamente inutilisada a terceira esphera, que no centro da sua volta interna se achava tambem embebida, mas já muito deteriorada.

N.º 19

Brazão da cidade de Coimbra, muito desgastado pela acção do tempo, de 0^m,47 de alto por outros tantos de largo.

Achava-se collocado na torre da ponte real de Coimbra, sobre o padrão da refórma da mesma ponte de 1513, sendo com elle transferido em 1836 ou 1837 para a parede do mirante dos srs. Abreus, e em 1873 para os paços do concelho em S. Cruz. Por effeito da deliberação da camara municipal, de 19 de fevereiro de 1874, veio tambem remettido como deposito para o Instituto em 24 dos dictos mez e anno.

Se antes de 1513 já existia sobre a porta da antiga ponte este, ou outro similhante brazão, a elle se deveria referir o dialogo, que a seu proposito phantasiou Pedro de Mariz entre os illustres filhos de D. João I, os infantes D. Pedro e D. Henrique [5].

N.º 20

Medalhão em pedra de 0^m,53 de alto no centro por 0^m,41 de largo, representando o busto da mulher peccadora do Evangelho com a redoma de alabastro na mão direita.

1 Nota XIV no fim.

2 *Noticia sobre o encanamento do rio Mondego* por A. J P. d'Almeida, no *Diario do Governo* de abril de 1822, n.os 96, 97 e 98. *O Antiquario Conimbricense*, n.º I, pag. 3.

3 Para a sua reconstrucção, ordenada pela C. R. de 10 de setembro de 1861. A nova ponte, de pedra, ferro e madeira, foi aberta ao transito publico na madrugada do dia 8 de maio de 1875.

4 Livro das actas da commissão de archeologia do Instituto, fl. 12.

5 Nos *Dialogos de Varia Historia*, edição de 1598, *dialogo* IV, cap. VII, pag. 166. — *Conquista de Coimbra* por A. C. Gasco, pag. 46. — *Vista interior de Coimbra* pelo sr. F. A. R. de Gusmão, na *Rev. Universal Lisbonense*, tom. I, pag. 464.

Na orla da moldura, de fórma circular na parte superior, decifra-se ainda em romano maiusculo O DILEXIT MVLT.... de S. Lucas, cap. VII, v. 47 [1]. Na orla da parte inferior mal se podem lêr as palavras RIDET QA FLEVIT, transposição sentenciosa, provavelmente, do mesmo Evangelista no cap. VI, v. 21 [2].

Achava-se este medalhão embebido no cunhal de uma casa em ruínas na rua de sob-ripas, n.º 20, e contigua ao supposto paço de D. Maria Telles. Pelo dono da dicta casa, o sr. dr. Ignacio Rodrigues da Costa Duarte, foi mandado apear d'aquelle logar e offerecido ao Instituto em 3 de dezembro de 1874 [3].

O estylo da esculptura e o typo das legendas correspondem exactamente aos dos medalhões e mais ornatos do mencionado paço, construido nos annos proximos a 1542, e pertencente de ha muito á familia dos srs. Perestrellos [4].

N.º 21

Cruz da ordem de Christo, de 1^{m},62 de alto por 1^{m},34 de largo nos braços.

Estava levantada na frontaria da egreja do collegio de Thomar de Coimbra, fundado nos annos proximos ao de 1561, sob a invocação de N. Senhora da Conceição da Ordem de Christo, para os freires da mesma ordem, que desde 1558, pelo menos, frequentavam as aulas da Universidade [5].

Extinctas as ordens religiosas em 1834, tiveram o edificio e cêrca do collegio variadissimas applicações.

Para o estabelecimento do cemiterio publico da cidade foi a sua administração entregue á camara municipal pela carta de lei de 15 de setembro de 1841 e port. do ministerio do reino de 15 de abril de 1848. Como, porém, o cemiterio se não construisse n'aquelle terreno, em 1 de abril de 1852 o vendeu em praça a mesma corporação ao sr. Bernardino Ferreira da Rocha por 2:520$500 réis.

Uma escola de tiro, fundada por alguns academicos, trabalhou dentro da egreja desde 19 de março até maio de 1873 [6]. Os alvos estavam collocados no altar mór, e aos lados d'este e na claustra varios instrumentos de esgrima e gymnastica.

Em 29 de dezembro de 1873 ainda o collegio e a sua cêrca voltaram ao poder da camara municipal, que por 6:000$000 réis os comprou n'essa data ao sr. José Antonio Leite Ribeiro, genro e herdeiro do comprador de 1852. O fim d'esta adquisição fôra então a abertura de uma nova estrada para Tobim, e o levantamento de algumas casas de habitação.

A ultima applicação, porém, e que não ficou em projecto sómente, deu-lh'a a commissão administrativa das cadeias em 1875.

Destinados a cêrca e o edificio para a construcção da nova cadeia districtal, foi a sua expropriação auctorisada pelo decreto de 20 de abril d'esse anno,

1 «Propter quod dico tibi: Remittuntur ei peccata multa, quoniam dilexit mul«tum. Cui autem minus dimittitur, minus diligit.

2 Beati qui nunc esuritis, quia saturabimini. Beati qui nunc fletis, quia ride«bitis.

3 Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 27 v.

4 *Conimbricense* de 10 e 14 de outubro de 1871, n.os 2526 e 2527, artigo dos srs. M. Osorio Cabral e J. Martins de Carvalho, *Aonde foi assassinada D. Maria Telles?* e o *Panorama Photographico de Port.* vol. II, pag. 65, artigo do sr. A. Filippe Simões, *Casa impropriamente denominada de D. Maria Telles em Coimbra.*

5 Nota XV no fim.

6 *Jornal de Coimbra*, de 10 de abril e 22 de maio de 1873, n.os 5 e 17.

e realisada em 25 de maio pela quantia de 6:200$000 réis. Em julho seguinte principiou a demolição da egreja, sendo então apeada a dicta cruz, e ao Instituto offerecida em 3 de agosto pelo governador civil do districto, o ex.^{mo} sr. Visconde de Villa Mendo [1].

N.º 22

Outra cruz como a precedente, de 0^{m},94 de alto por 0^{m},74 de largo nos braços.

Achava-se collocada sobre o fecho do arco da capella mór da mencionada egreja do collegio de Thomar de Coimbra, d'onde foi apeada em julho de 1875. Em 3 de agosto a offereceu ao Instituto o governador civil do districto, o ex.^{mo} sr. Visconde de Villa Mendo.

N.º 23

Lapide commemorativa da fundação do novo convento de S. Francisco da Ponte de Coimbra em 2 de maio de 1602, e da entrada dos religiosos em 29 de novembro de 1609.

Tem 1^{m},18 de comprido por 0^{m},50 de alto, e em romano maiusculo pintado

LANÇOV , A PRIMEIRA , PEDRA , NESTE EDIFICIO ,
O SENHOR . BISPO . DOM , AFFONÇO , DE CASTELO
BRANCO , EM 2 , DE MAIO , DE , 1602 , E PASSA
RÃOSE , OS RELIGIOZOS , DO CONVENTO VE-
LHO , DE ENTRE , PONTES , PARA ESTE NOVO
DA PONTE , EM 29 , DE NOVENBRO DE 1609
.... E M PEL ALM.

Estava collocada na parede fronteira á entrada principal do mencionado convento, d'onde foi tirada em setembro de 1875. Em 19 de janeiro de 1876 a offereceram ao Instituto os srs. Adelino Antonio das Neves e Mello (filho) e José Matheus dos Santos, como directores da companhia de fiação e tecidos de Coimbra [2], estabelecida no edificio do extincto convento de S. Francisco da Ponte desde 19 de maio de 1875 [3].

[1] Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 33.
A demolição de todo o edificio foi dada d'empreitada ao sr. Manuel Simões, de Tobim, por 3:698$000 réis. Estava concluida em novembro de 1875. Durante este serviço tambem o director das obras publicas do districto recebia a gratificação mensal de 45$000 réis.

[2] Livro das actas da secção de archeologia do Instituto fl. 35.

[3] Nota XVI no fim.

N.º 24

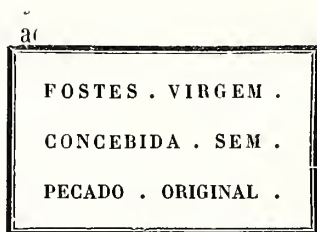
Grimpa com a fórma de bandeira, tendo debaixo uma esphera armillar, e pela parte superior uma cruz da ordem de Christo, tudo de folha de ferro.

Servia de remate ao pelourinho da cidade, levantado desde 1610 ou 1611 no largo da portagem, quasi ao fundo da couraça de Lisboa [1], e demolido em 1836 para desimpedimento do mesmo largo.

Em cumprimento da deliberação da camara municipal, de 19 de fevereiro de 1874, foi com o padrão da refórma da ponte (n.º 16 d'esta epocha) depositada no Instituto aos 24 dos mesmos mez e anno.

N.º 25

Lapide moldurada, de $0^{m},72$ de largo por $0^{m},35$ de alto, tendo em romano maiusculo a inscripção,

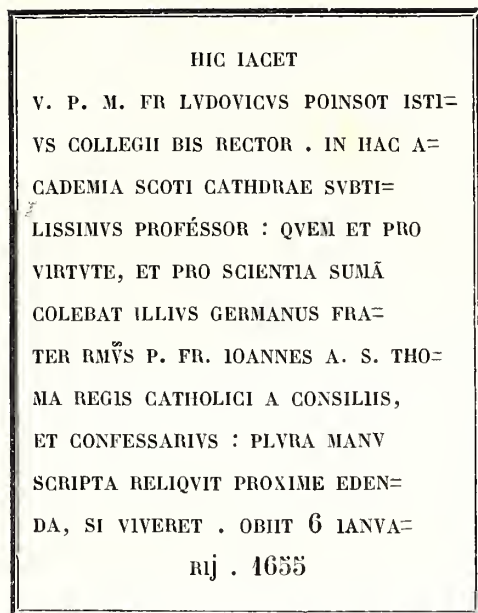
FOSTES . VIRGEM .
CONCEBIDA . SEM .
PECADO . ORIGINAL .

Estava collocada na porta da ponte real de Coimbra, debaixo do padrão da refórma da mesma ponte em 1513, sendo com este mudada em 1836 para a parede do mirante da casa dos srs. Abreus. Demolida esta para o alargamento do largo da portagem em outubro de 1873, foi a lapide recolhida nos paços do concelho, d'onde por deliberação da camara municipal, de 19 de fevereiro de 1874, veio como deposito para o Instituto em 24 dos mesmos mez e anno.

O dizer da inscripção e o lavor da moldura fazem suppôr que pelos vereadores de 1646 sería esta lapide destinada para commemorar a acclamação de N. Senhora da Conceição por padroeira do reino, e o juramento de que fôra concebida sem peccado original, acclamação e juramento realisados no ajuntamento da camara, nobreza e povo, de 21 de dezembro d'aquelle anno, e pelo deão e cabido confirmados, *sede vacante,* por si e por todo o clero do bispado, aos 30 dos dictos mez e anno [2].

N.º 26

Lapide sepulchral de fr. Luiz Poinsot, religioso da ordem da Sanctissima Trindade, reitor do seu collegio de Coimbra, lente de theologia na Universidade da mesma cidade, e fallecido em 6 de janeiro de 1655

1 Nota XVII no fim.
2 Nota XVIII no fim.

HIC IACET
V. P. M. FR LVDOVICVS POINSOT ISTI=
VS COLLEGII BIS RECTOR . IN HAC A=
CADEMIA SCOTI CATHDRAE SVBTI=
LISSIMVS PROFÉSSOR : QVEM ET PRO
VIRTVTE, ET PRO SCIENTIA SUMÃ
COLEBAT ILLIVS GERMANUS FRA=
TER RMVS P. FR. IOANNES A. S. THO=
MA REGIS CATHOLICI A CONSILIIS,
ET CONFESSARIVS : PLVRA MANV
SCRIPTA RELIQVIT PROXIME EDEN=
DA, SI VIVERET . OBIIT 6 IANVA=
RIJ . 1655

Estava embebida na parede de uma casa da claustra do collegio da Sanctissima Trindade de Coimbra, d'onde, por effeito da deliberação da camara municipal, de 19 de fevereiro de 1874, veio como deposito para o Instituto em 15 de dezembro do mesmo anno.

Com algumas incorrecções de leitura foi o epitaphio publicado na *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa, tom. III, pag. 129, e na *Hist. Chronologica da esclarecida Ordem da SS. Trindade* por fr. Jeronymo de S. José, tom. II, pag. 134. D'estas o transcreveram, referindo-se ao abandono em que esta e outras lapides jaziam em 1843, a *Revista Litteraria* do Porto, no tom. XI, pag. 412, e a *Revista Juridica* de Coimbra, no tom. I, pag. 70. Do mesmo assumpto tratou tambem o *Conimbricense* de 27 de abril, e de 1 e 4 de maio de 1869, n.os 2270, 2271 e 2272.

Os manuscriptos, mencionados no fim da inscripção, eram um *Tractatus de Angelis*, e outro *De libero arbitrio, gratia et praedestinatione*.

Mede a lapide 0m,84 de largo por 0m,71 de alto.

N.º 27

Lapide commemorativa da fundação do collegio de S. Boaventura da Provincia de Portugal, na rua dos loios de Coimbra, aos 14 de julho de 1665, e da sua conclusão aos 7 de setembro de 1678. Tem 0m,50 de alto por 0m,58 de largo.

LANÇOVSE A P^RA PEDR.
A NESTE COLEGIO AOS
14 DIAS DO MES DE IVLHO
DE 1665 SENDO PVĀL. O M.
R. P. M. FR. LUIS CEZAR A
CABOVSE A 7 DE SETEMBRO
DE 1678 SENDO PVĀL. O M. R.
P. M. FR. IOÃO DA M.^E DE. D.^S

Estava embebida na parede á esquerda da entrada do claustro do dicto collegio, d'onde foi tirada em junho de 1869 para uma casa terrea do collegio de S. Pedro. Com as lapides romanas e portuguezas, já mencionadas, veio transferida para o Instituto em junho de 1873.

Acha-se publicada a inscripção na *Hist. Serafica Chron. da Ord. de S. Francisco na Provincia de Port.* part. IV, liv. III, cap. XIII, pag. 304, nos cit. *Indices e Summarios,* fasc. III, pag. 226, e na *Hist. Breve de Coimbra* por B. de B. Botelho, edição de 1874, annotada pelo sr. A. Francisco Barata, pag. 75.

N.º 28

Lapide sepulchral de fr. Antonio de Jesus, religioso e presentado da ordem da Sanctissima Trindade, professor de musica na Universidade de Coimbra [1], e fallecido no collegio da sua ordem na mesma cidade aos 15 de abril de 1682.

HIC IACET.
R. P. PRAESENTATVS, FR. ANTONIVS
DE IESU MVSICES ACADEMICUS PRO=
FESSOR, VIR RELIGIOSISSIMVS, ET ZE=
LO DIVINI CVLTVS ARDENTISSIMVS :
IN ISTO, ET IN SVBLEVANDIS PAVPE=
RIBVS TOTVM CATHEDRAE STI=
PENDIVM CONSVMEBAT OBIJT. 15
APRILIS 1682,

1 Cadeira, cujo lente devia dar duas lições por dia, uma de cantochão depois da lição de terça, outra de canto de orgão e contraponto depois da lição de vespera. Havia por anno o ordenado de sessenta mil réis. — Vejam-se os *Estatvtos da Universidade de Coimbra*, de 1591 (edição de 1593), liv. III, tit. V, n.º 30, pag. 74 v., de 1597 (edição de 1654), liv. III, tit. V, n.º 28, pag. 144, e *Reformaçam* de 1612, n.º 156, pag. 324.

Estava collocada juncto á lapide de fr. Luiz Poinsot, na parede de uma casa na claustra do collegio da Sanctissima Trindade, d'onde foi transferida como deposito para o Instituto em 15 de dezembro de 1874.

Com a biographia d'este religioso publicaram o seu epitaphio a *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa, tom. I, pag. 300, a *Hist. Chron. da esclarecida Ordem da SS. Trindade,* tom. II, pag. 200, a *Revista Litteraria* do Porto, tom. XI, pag. 412, e a *Revista Juridica* de Coimbra, tom. I, pag. 70. A elle se referiu tambem o *Conimbricense* de 4 de maio de 1869, n.º 2272.

Mede a lapide 0^{m},89 de largo por 0^{m},54 de alto.

N.º 29

Espada de folha direita e de dois gumes, com copos semi-esphericos, virotes, guardamão, punho e maçã, tudo de ferro. A empunhadura é forrada de ôsso estriado.

Na face externa da folha, juncto á guarnição, e continuado na face opposta, lê-se em romano maiusculo,

✠ VEVE ✠ EL ✠ REY ✠
✠ DE ✠ PORTUGAL ✠

Mede da maçã á ponta 0^{m},97.

É de suppôr que fosse fabricada fóra de Portugal no reinado de D. Pedro II ou no de D. João V.

Foi offerecida ao Instituto pelo sr. dr. Antonio dos Sanctos Pereira Jardim em 21 de dezembro de 1876 [1].

N.ºs 30, 31, 32, 33 e 34

Cinco estatuas de pedra, de tamanho natural, com algumas fracturas e mutilações.

Representam, a theologia (n.º 30), os canones (n.º 31), as leis ou justiça (n.º 32), o imperador Justiniano (n.º 33), e a medicina (n.º 34).

Sendo reitor da Universidade o dr. Nuno da Silva Telles (1694-1702), se mandaram lavrar e assentar estas estatuas por cima das cadeiras dos professores d'algumas aulas das faculdades de theologia, de canones, de leis, e de medicina da mesma Universidade, cadeiras, que, á maneira de pulpitos, estavam então levantadas no topo de cada aula, em altura superior ás bancadas dos estudantes. Principiada em agosto de 1855, e continuada nos annos seguintes, a mudança da fórma antiga das dictas aulas para a de amphitheatro, que ao presente conservam, foram as estatuas apeadas e recolhidas no collegio de S. Bento, d'onde como deposito vieram para o Instituto em 24 de maio de 1875 [2].

Á excepção da estatua de Justiniano, symbolo do direito romano, que este imperador colligiu e reformou, todas as outras têm nas mãos ou aos pés os instrumentos emblematicos das faculdades que representam.

A cruz e os evangelhos da theologia, a tiára e as chaves dos canones, a espada e a balança da justiça, são os mesmos emblemas das figuras, que em estylo de esculptura mais antigo se acham estampados no frontispicio dos *Esta-*

1 Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 42 v.
2 Livro das actas, etc, fl. 33.

tvtos da Universidade de Coimbra, impressos em 1654. Os da medicina, representada por uma mulher nova com o peito direito descoberto, são um caduceu na mão direita, na esquerda um livro, e aos pés outros livros e uma cegonha [1].

N.º 35

Ferrolho de duas armellas, tendo de peso quasi vinte e quatro kilogrammas e meio.

Servia para fechar a porta do arco do castello de Coimbra, d'onde por mandado da camara municipal foi tirado em outubro de 1836 [2]. Recolhido então no museu da Universidade, veio como deposito para o Instituto em 28 de janeiro de 1875.

N.º 36

Lapide commemorativa da lenda da resurreição dos degolados em Montemór Velho, no tempo do abbade João.

Com algumas falhas e mutilações contém nas faces anterior e posterior a seguinte inscripção, cujas lacunas vão substituidas pela cópia, não muito correcta, que d'ella tirou o capitão-mór Antonio Correia da Fonseca e Andrade na sua *Historia Manlianense*, pag. 163 [3].

AD PERPET*vam rei memoriam: se mandov pe*
LO NOBRE SEN*ado desta villa eregir este*
PADRÃ PERA Q̃ *não só a boca dos homens m*
AS TAMBẼ AS MESMAS *pedras digão a todo o mv*
NDO O ADMIRAVEL SVSESO Q̃ N*este lugar acontece*
O PELOS ANNOS DE XP̃O DE 850 EM CVJO TEMPO ES
TAVA O CASTELLO DESTA EMCAREGADO AO ABBADE D
IOÃO PARENTE DE ELREI RAMIRO Q̃ ENTÃO REINAVA
QVANDO OS MOIROS SENHORIAVÃ A MAIOR PARTE DE
ESPANHA E SOMENTE SE CONSERVAVÃO ALGVMAS
RELIQVIAS DO REINO CATHOLICO NAS MONTAN
HAS DE ASTVRIAS BISCAYA E POVCA PARTE DE

1 Apparecendo ainda uma outra variante d'estas figuras nas que o infante D. Henrique mandou pintar nas aulas da casa, por elle comprada e doada á Universidade de Lisboa em 12 de outubro de 1431, a saber: a Sanctissima Trindade na aula de theologia, um papa na de canones ou decretaes, um imperador na de leis, um Galeno na de medicina, e um Aristoteles na de philosophia. *Mem. da Universidade de Coimbra* por F. C. Figueiroa no *Annuario da Universidade* de 1874-1875, pag. 240. *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra* por F. L. Ferreira, pag. 271.

A antiga faculdade de canones foi supprimida pela nova organisação dos cursos scientificos da Universidade do decreto de 5 de dezembro de 1836.

2 Nota XIX no fim.

3 Nota XX no fim.

PORTVGAL E GALIZA: ACONTECEO ESTVPEN
DA MARAVILHA Q REINANDO EM CORDOVA ABDE
RRAME 2.º DO NOME MANDOV CONTRA AS TERAS D
OS CRISTÃOS HV PODEROZISIMO EXERCITO CON
TRA ESTE CASTELO, CÕ ANIMO BARBARO DE NÃO LE
VÃTARE O CITIO SE A FORTALEZA SE ENTREGAR, E
A NÃO SER A MIZERICORDIA DE DEOS SERIA FA
CIL DE CONSEGVIR, VENDO O ABBADE Q ESTAVA C
ERCADO DE TÃO PODEROZO EXERCITO DESCON
FIANDO DA VICTORIA SE RESOLVEO COM OS
SEVS EM DEGOLAREM MVLHERES E FILHOS POR NÃ

LHE FICARE EM PODER DOS MOVROS EXERCITADA A
DEGOLAÇÃO NÃO SEM LAGRIMAS SAHIRÃ OS SE
RCADOS AOS INIMIGOS OBRANDO TANTAS PROEZ
AS EM Q O *braço* DE *deos* LOVVA*do asis*TIA *que* PVZE
RAM A*os ini*MIGOS *em vil* FVGIDA D*eix*ÃDO
OS CAMPOS *do Mondego* CVBERTOS DE CORPOS M
ORTOS Q SE A*fir*MA P*asa*RE DE LXX *mil* E SEGVINDO
AOS IMIGOS *athe ás matas* DE CEIÇA AHI MANDOV
CESAR O *abbade João os* SEVS *e* SOLENIZAN
DO O GOSTO DA VICTORIA DANDO GRAÇAS A DS
PELOS BENEFICIOS RECEBIDOS TAMBE COMESARÃ
a chorar a MORTE DOS Q DEIXARÃO DEGOLADOS EM
CVJO TEMPO CHEGOV A NOTICIA DE Q OS DEGOLADOS
AVIÃO RESVCITADOS *e* VOLTANDO CE TODOS PARA
ESTE CASTELO SO O ABBADE QVIS NAQVELAS MATAS
FICAR AONDE COM ADMIR*avel* EXEPLO COROOV A
VIDA COM HVA SANTA *morte*. PASMEM AGORA
OS HOMENS ADMIREMCE OS VIVENTES DE TÃO RELE
VANTE PRODIGIO *para* Q NA DEVOÇÃO CATHOLICA
ESPECIALM*ente nos* MORADORES DESTA NOBRE V
ILA *se nã* DEIXE NVNCA ESQVECER ESTE MIL
AGROSO PRODIGIO. ANNO DE MDCCX12
AD INGENIOSOS VIROS
. A. V. S. E. P. E. M. Q. S. O. N. C.

No dizêr do mencionado historiador fôra este padrão mandado levantar em 1713 pelo juiz de fóra de Montemór Velho, o dr. Gaspar Pimenta do Avellar,

no terreiro proximo á egreja de S. João do Castello da mesma villa, onde é tradição que a degolação se executára [1]. Demolido o monumento passados annos, é de suppôr que a lapide fosse recolhida no armazem da camara municipal, d'onde, a pedido da secção de archeologia do Instituto, veio como deposito para o museu em 24 de abril de 1875 [2].

Mede a dicta lapide $0^{m},77$ de alto por $0^{m},57$ de largo, e $0^{m},21$ de espessura.

N.º 37

Padrão do meio almude do concelho de Coimbra. É de barro vermelho com a fórma de cantaro, tendo no gargálo em meio relevo o brazão da cidade e a data de 1744.

Pelo sr. Augusto Mendes Simões de Castro foi depositado no Instituto em 28 de março de 1877 [3].

N.os 38 e 39

Duas balas de canhão, uma com o peso de 190 grammas, outra com o de 430 grammas.

Foram ambas descobertas ha annos na serra do Bussaco, em uma vinha proxima ao logar da Moura, onde se passou parte dos combates de 26 e 27 de setembro de 1810 entre o exercito francez e o luso-britannico.

Offereceu-as ao Instituto o auctor d'este *Catalogo* em 21 de maio de 1876 [4].

1 Nota XXI no fim.
2 Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 31 v.
3 Livro das actas, etc, fl. 43 v.
4 Livro das actas, etc, fl. 36.

ESCULPTURAS, ARMAS E OUTROS OBJECTOS, NÃO COMPREHENDIDOS NAS EPOCHAS PRECEDENTES

N.º 1

Estatua indiana de *Lakchmi* ou *Sri*, esposa de Vichnú, e deusa da abundancia, da prosperidade e da formosura. Está representada esta divindade na figura de uma mulher moça em pé e vestida, com quatro braços e quatro mãos, os peitos salientes, e na cabeça uma tiara com varios lavores. Em uma das mãos esquerdas empunha o pé de um vaso mutilado, talvez a taça da *amrita*, a agua da vida ou da immortalidade [1].

É de bronze com $0^{m},175$ de altura.

Foi depositada no museu do Instituto pelo sr. dr. Augusto Filippe Simões em 7 de dezembro de 1876 [2].

N.º 2

Ponta de lança de cobre com a extremidade de ferro, talvez dos selvagens do Brazil. Conserva ainda o fragmento da haste de páo preto, onde se acha pregada com dois cravos de cobre.

Foi ao Instituto offerecida pelo sr. dr. Augusto Filippe Simões em 28 de maio de 1876 [3].

[1] Em outras pinturas e esculpturas a mesma deusa tem nas mãos, em vez da taça, uma flor do loto, que na mythologia indiana symbolisava as forças reproductoras da natureza, ou a eterna geração.

[2] Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 42.

[3] Livro das actas, etc, fl. 38.

MANUSCRIPTOS

Era de 1260

Anno de 1222

Carta de ingenuidade ou liberdade, mandada passar por Fernando Nunes e sua mulher Marina Sanches a favor de Elvira Fernandes, que fôra sua moura (escrava), isto pelo amor de Deus e remedio de suas almas, e por doze morabitinos que ella pela sua pessoa lhes havia dado.

Termina,

«Facta karta mense maij. Sub. E. M. CC. LX. Nos uero supranominati «qui hanc kartam facere iussimus corã bonis hominibus roborauimus, et «mea hec sig——— na fecimus. Qui presentes fuerunt.

Rodericus uermudj. Plagius rodericj. Martinus zauaela. Fernandus ihñis.	ts	Vincentius boi uelio. Suerius plagij. Ihnẽs menendj. Suerinus.	ts

Menẽdus ñt.

Pergaminho bem conservado, de 0^m,236 de largo por 0^m,146 de alto.

Era de 1392

Anno de 1354

Carta do infante D. Pedro, *ffilho primeyro herdejro do muy nobre Dom affomso pela graça de dš Rey de Portugal e do alguarue,* recebendo em sua guarda, encomenda e defendimento, o abbade e convento do mosteiro de Seiça, e os seus homens, mancebos, casas, vinhas, herdades, bestas e gados, e todas as mais cousas que lhes pertencessem, para nenhum fidalgo, poderoso, ou outras pessoas de qualquer condição que fossem, lhes fazerem força, nem mal, nem desaguisado, nem lhes tomarem alguma cousa contra suas vontades, sob pena, para os infractores, de lhes ser estranhado nos corpos e nos haveres, e de pagarem os encoutos de seis mil soldos e o corregimento do damno em dobro. Dada em Coimbra aos 4 de dezembro da era de 1392.

Inserta no instrumento da sua leitura e publicação, que apár dos paços d'el-rei em Villa Nova d'Anços, perante os alvazís Affonso Peres e Vicente Appa-

riço e varias testemunhas, fez o tabellião Johanne Annes, aos 7 de julho da era de 1393, a requerimento de D. fr. Johanne Esteves, abbade do dicto mosteiro de S. Maria de Ceiça, para a referida carta lhe ser guardada e cumprida, assim como aos seus homens, caseiros e lavradores, como n'ella era conteúdo.

Pergaminho de 0m.21 de largo por 0m,35 de alto.

Era de 1400

Anno de 1362

Carta d'el-rei D. Pedro I, ordenando aos alvazís e justiças de Montemór Velho que, dos naturaes e vassallos das terras do mosteiro de S. Maria de Ceiça, no termo da mesma villa, deixassem aquelles que mister fossem aguisadamente ao dicto mosteiro e seus lavradores para lavrarem as suas herdades e guardarem os seus gados, não os constrangendo a morarem com outras pessoas. Dada em Lisboa aos 6 de julho da era de 1400.

Mandado (*renẽbrança)* dos alvazís de Montemór Velho, João Affonso e Bartholomeu Francisco, para o alcaide metter o abbade do dicto mosteiro, ou o seu procurador, em posse de doze mancebos e uma manceba, naturaes do couto e terras do mesmo, mas que andavam fóra do seu serviço, a fim de com elle morarem *por ssa ssoldada aguisada como he taussada per os vereadores da dita ujlla,* dando o dicto abbade ou seu procurador bons fiadores leigos ás taes soldadas, como por el-rei era ordenado. Escripto pelo tabellião João Affonso aos 18 d'outubro da era de 1404.

Instrumento da leitura e publicação d'estas carta e *renẽbrança* no paço da audiencia de Montemór Velho, ante os alvazís Pero Fernandes e João Simão, para lhes darem cumprimento, feito aos 4 de novembro da era de 1404 pelo tabellião João Galvão a requerimento de fr. Bartholomeu, *frade monge* do dicto mosteiro, e procurador do seu abbade e convento.

Insertos todos no novo instrumento da sua leitura e publicação, lavrado ante os mesmos alvazís pelo tabellião João Affonso aos 18 de novembro da mencionada era, a requerimento de Vicente Homem, procurador substabelecido de fr. Joanne Esteves, abbade do dicto mosteiro.

Pergaminho de 0m,24 de largo por 0m,64 de alto.

Anno de 1456

Carta da sentença de Braz Affonso, ouvidor da infanta D. Isabel, duqueza de Coimbra e senhora de Montemór Velho, para Diogo Affonso, seu juiz dos orphãos n'aquella villa, tornar á terra e couto do mosteiro de S. Maria de Ceiça uma moça orphã, que d'elle fôra tirada para servir em Montemór, dando assim cumprimento á carta d'el-rei D. João I *em ssendo mestre daujs e rregedor destes rreinos,* e ás sentenças, que ao dicto mosteiro outorgaram e confirmaram o privilegio de não serem tirados para fóra das suas terras e couto os filhos dos lavradores, caseiros e moradores, que n'elle quisessem servir por soldada. Dada em Evora aos 30 de dezembro de 1456.

Despacho de Pero Annes, ouvidor dos orphãos em Montemór Velho no logar de Diogo Affonso, que esta carta mandou cumprir.

Trasladados em publica fórma no paço do concelho de Montemór Velho, aos 14 de fevereiro de 1485, pelo tabellião Martim Pero, a requerimento de João Roiz Drago, escudeiro e morador na dicta villa.

Pergaminho de 0^{m},30 de largo no meio por 0^{m},72 de alto.

Anno de 1503

Alvará d'el-rei D. Manuel para se não fazer obra pela carta de licença, que aos moradores de Buarcos e a outros havia concedido, de cortarem madeiras nas mattas da calçada, da salgueira e da azambugeira, visto como estas pertenciam por doação ao mosteiro de Ceiça *(cepça),* ao qual a dicta licença era em grande prejuizo.

Feito em Lisboa aos 28 de fevereiro de 1503, e tirado em publica fórma na villa de Pombal, a requerimento dos monges do dicto mosteiro, fr. João do Copeiro e fr. Matheus, pelo tabellião Fernão Luiz em 30 de janeiro de 1505.

Pergaminho de 0^{m},55 de comprido por 0^{m},29 de largo. Com os quatro pergaminhos precedentes foi offerecido ao Instituto pelo auctor d'este *Catalogo* em 21 de maio de 1876 [1].

Anno de 1516

Instrumento do contrato e concerto, que aos 14 de julho de 1516 fez Manuel de Figueiredo, conego da sé de Coimbra e prior da freguezia de S. Pedro do Sebal, com os seus freguezes, moradores no logar de Condeixa Nova, para que na egreja de S. Christina do mesmo logar [2] podessem ouvir as missas e officios divinos nos domingos e festas do anno, e n'ella celebrar os seus casamentos e baptizados, com as seguintes declarações:

1.ª de na sua egreja do Sebal assistirem ás missas e officios nos tres dias de Paschoa, de S. Pedro e S. Paulo e dos defunctos:
2.ª de na mesma receberem os sacramentos da confissão e communhão no tempo do preceito:
3.ª de ajudarem e manterem a dicta sua egreja, e para ella contribuirem, como sempre haviam feito:
4.ª de pagarem por cada infracção d'estas condições um arratel de cêra para a mesma egreja, além das penas impostas pelo sr. bispo:
5.ª de elle, prior, e seus successores haverem sempre metade de todas as oblações, offertas, romagens e mais offerendas feitas á egreja de S. Christina, tanto dos moradores de Condeixa como dos de fóra d'ella:

1 Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 36. *Conimbricense* de 23 e 30 de maio de 1876, n.os 3008 e 3010.

2 Egreja *q̃ se ora nouam^te faz no dito lugar de comdejxa a noua freguesya de comdeyxa a velha.*

6.ª de tudo isto não prejudicar por fórma alguma os dizimos reaes e pessoaes, e as preeminencias e direitos da egreja do Sebal.

Alvará de notificação de como o infante D. Affonso, administrador perpetuo do mosteiro de S. Cruz de Coimbra, houvéra por bom este concerto, e de encommendação ao bispo para o confirmar, dado em Almeirim aos 25 d'outubro de 1517.

Sentença do bispo conde D. Jorge d'Almeida, confirmando o presente contrato sem prejuizo dos seus direitos episcopaes, e mandando de tudo passar este traslado em publica fórma, que valeria como o proprio original.

Escripto nos paços do dicto bispo, aos 2 de novembro de 1517, por Affonso de Mancellos, presbytero conimbricense e notario apostolico *auctoritate apostolica.*

Tem no fim a assignatura *Dõ Jorge Bp°* *Dalmeyda Comde* e desenhado á penna o escudo do mesmo bispo. Pendente por fita azul e branca conserva o coucho redondo de páo, onde estava encerrado o sêllo episcopal.

Pergaminho de 0m,55 de largo por 0m,77 de alto. Foi ao Instituto offerecido pelo sr. Antonio Maria Seabra de Albuquerque em 21 de maio de 1876 [1].

Anno de 1575

Provisão de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, arcebispo de Braga e Primaz das Hespanhas, fazendo doação ao mosteiro de S. Cruz da Ordem de S. Domingos da villa de Vianna, com reserva do usufructo em vida do doador, de toda a sua livraria *assi impressa como escrita de nossa mão* [2], e bem assim da sua *azemala castanha* para serviço do dicto mosteiro *cõ reseruação do vso della em quanto for nossa vontade.* Dada em Braga aos 21 de maio de 1575.

Outra do mesmo arcebispo, confirmando a provisão precedente e fazendo tambem doação ao dicto mosteiro, com a reserva do usufructo em sua vida sómente, de todo o *estanho* que tinha e de duas *galhetinhas de prata.* Dada em Braga aos 27 de maio de 1575.

Outra do mesmo arcebispo, approvando e ratificando as duas mencionadas provisões para se cumprirem como n'ellas se continha. Dada em Braga aos 21 de julho de 1575.

Escriptas todas em duas meias folhas de papel, e assignadas por *O arcebispo primas,* de cujo sêllo redondo de chapa, no fim das provisões de 21 e de

[1] Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 36. *Conimbricense* citado.

[2] «Ao longo da parede (da camara do arcebispo) hũas estantes a vso fradesco «que dizião com a mesa na feição, e pobreza. Poucos livros nellas, mas cartapacios «muytos, e cadernos de sua mão escritos, argumento de seus estudos: hũs de mate-«rias que dictara, sendo leytor por tantos annos: e outros de notações que hia fa-«zendo, e tirando dos Padres, e Santos antigos sobre diversos intentos. *Vida de D. Fr. Bertolameu dos Martyres* por fr. L. de Sousa, liv. I, cap. X.

27 de maio, são ainda visiveis a mancha e vestigios da cêra vermelha, em que estava impresso [1].

Pertencia este documento ao archivo do convento de S. Domingos de Vianna [2], d'onde, pela sua extincção em 1834, veio correndo de mão em mão até á do sr. J. A. Vieira da Fonseca, negociante em Coimbra. A pedido do sr. J. Martins de Carvalho, em julho de 1870, foi por aquelle cedido ao auctor d'este *Catalogo*, que ao Instituto o offereceu em 21 de maio de 1876 [3].

Da achada do mesmo documento deu noticia, publicando a sua integra, o *Conimbricense* de 26 e 30 de julho de 1870, n.os 2400 e 2401.

Anno de 1733

Carta d'approvação de boticario, passada aos 9 de dezembro de 1733 pelo dr. Manuel da Costa Pereira, physico mór do reino, a favor de André Joseph Delgado, morador em Tavira, para que da arte de boticario podesse livremente usar, e assentar sua botica em qualquer parte do reino, *excepto nesta minha corte e cid^e de Lx^a onde só o não poderá fazer sem expecial licenssa do dito meu Phisico Mór*, gozando, outrosim, de todos os privilegios e liberdades, que em razão da dicta arte lhe pertencessem [4]. Tem no fim a assignatura de *M^el da Costa Pr^a Phizico mor do Rn^o.*

Pergaminho de $0^m,42$ de largo por $0^m,30$ de alto.

Anno de 1744

Carta da nomeação de familiar do Sancto Officio da Inquisição de Coimbra, passada em Lisboa, aos 4 de setembro de 1744, pelo inquisidor geral Nuno da Cunha a João de Barros Barboza de Abreu e Lima, solteiro, filho do capitão de

1 Sêllo formado, como se vê d'outros similhantes, pela cruz floreteada da ordem de S. Domingos tendo pela parte superior o chapeo e borlas archiepiscopaes. *Diss. Chron.*, tom. I, pag. 129.

2 Cuja fundação, sob o titulo de mosteiro de S. Cruz da Ordem de S. Domingos, teve principio por diligencias do arcebispo em abril de 1563, lançando elle proprio a primeira pedra no alicerce da capella mór da egreja em 22 de janeiro de 1566. Alcançada a renuncia do arcebispado, que tanto sollicitára, a esta sua casa se recolheu o virtuoso D. Bartholomeu em fevereiro de 1582, fallecendo n'ella como pobre e obscuro religioso aos 16 de julho de 1590. Jaz em um mausoleo de marmore branco e vermelho na capella mór da egreja, hoje parochial da freguezia de N. Senhora de Monserrate. *Vida de D. Fr. Bertolameu dos Martyres*, liv. I, cap. XXV, liv. IIII, cap. XIX, liv. V, cap. VI, e liv. VI, cap. XXVI. *Arch. Pittoresco*, vol. VII, pag. 73.

3 Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 36.

4 E pela estimação da mesma concedidos por D. Affonso V na sua carta de 22 d'abril de 1449, que a praxe e legislação posteriores muito limitaram. *Nobliarchia Port.* por A. de V. Sampaio, cap. XXI. *Privilegios da Nobreza e Fidalguia de Portugal* por L. da S. P. d'Oliveira, pag. 206. *Nobliarchia Medica* por F. A. M. Bastos, pag. 21.

Que o officio de boticario não era mecanico o declarou a sentença da relação do Porto, de 10 de fevereiro de 1605, no tomo XI do *Registo* da camara municipal de Coimbra, fl. 7, nos *Indices e Summarios*, fasc. III. pag. 193.

cavallos Pedro de Barros Barbosa, da freguezia de S. Maria de Sá, termo de Ponte de Lima, para o dicto cargo servir e de todos os privilegios, isenções e liberdades gozar, prestando juramento na fórma do estylo [1]. Tem a assignatura *O Cardeal da Cunha.*

Pergaminho de 0^{m},34 de largo por 0^{m},24 de alto, tendo na margem inferior as duas incisões, d'onde devia pender por fita verde o sêllo da Inquisição, e no verso as notas de *Registada* nos livros do S. Officio de Coimbra. Foi ao Instituto offerecido pelo auctor d'este *Catalogo*, com a carta de boticario de 1733, em 21 de maio de 1876 [2].

Anno de 1752

Carta de licença de sangrar por ordem de medico ou cirurgião approvado, e de sarjar, e lançar ventosas e sanguesugas em todo o reino e senhorios de Portugal, passada pelo medico da real camara e cirurgião mór do reino, o dr. Antonio da Costa Falcão, a Joaquim de Sá, de Pombalinho, em 30 de dezembro de 1752.

Pergaminho de 0^{m},39 de largo por 0^{m},30 de alto, com uma tarja colorida de ramos e flores e o escudo coroado do reino no centro da margem superior. Na margem inferior, sem tarja, e no verso leem-se a assignatura do cirurgião mór, os termos de juramento e de registo na camara de Pombalinho, e os *vistos* d'alguns corregedores até 1783.

Anno de 1767

Carta de recopilação dos privilegios dos francezes em Portugal, passada em 20 d'agosto de 1767 a favor de Joseph Massiz, homem de negocio e natural de Bayonne, para dos mesmos privilegios gozar na fórma dos alvarás de 1452, 1517, 1508, 1509, 1667, 1697, e mais legislação em vigor. Tem no fim a assignatura do desembargador e juiz conservador da nação franceza, Antonio Joseph da Fonseca Lemos, e no verso a nota do pagamento de 220 reis da mesma assignatura.

Pergaminho de 0^{m},54 de largo por 0^{m},38 de alto. Com a carta de sangrador de 1752 foi offerecido ao Instituto pelo sr. Antonio Maria Seabra de Albuquerque em 21 de maio de 1876 [3].

[1] *Regimento do Santo Officio da Inqvisiçāo dos Reynos de Portvgal*, de 22 d'outubro de 1640, liv. I, tit. I, n.º 5, e tit. XXI.

Acêrca da nomeação e privilegios d'estes familiares vejam-se os artigos *Um auto da fé* e *Documentos para a historia do S. Officio de Portugal* no *Instituto*, vol. XI, n.º 9, vol. XII, n.ºs 2 e 3, e vol. XIV, n.º 4.

[2] Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 36.

[3] Livro das actas, etc, fl. 36.

Anno de 1792

Carta da nomeação de familiar do Sancto Officio da Inquisição de Coimbra, passada em Lisboa, aos 19 de fevereiro de 1792, pelo bispo titular do Algarve e inquisidor geral do reino, D. José Maria de Mello, a Manuel Baptista, solteiro, de Miro, freguezia de Friumes, para o tal cargo servir e de todos os seus privilegios, isenções e liberdades gozar, prestando juramento na fórma do estylo [1]. Tem a assignatura de *Joze Bispo Inquisidor Geral,* e debaixo d'esta, á esquerda, a de *Franc.º Ant.º Marques Gir.des de Andr.e*

Pergaminho de 0m,32 de largo por 0m,23 de alto com as incisões na margem inferior, d'onde devia estar pendente por fita verde o sêllo da Inquisição.

Anno de 1801

Carta da nomeação de familiar do Sancto Officio da Inquisição de Coimbra, passada em Lisboa, aos 13 d'agosto de 1801, por D. José Maria de Mello, bispo titular do Algarve e inquisidor geral do reino, a Domingos Fernandes Alves, negociante, solteiro, da freguezia de S. Thiago de Riba d'Ul, para o dicto cargo servir e de todos os seus privilegios, isenções e liberdades gozar, prestando juramento na fórma do estylo. Tem a assignatura de *Joze Bispo Inquisidor Geral,* e debaixo d'esta, á esquerda, a de *Alexandre Jansen Moller.*

Pergaminho de 0m,36 de largo por 0m,26 de alto, tendo na margem inferior as incisões, d'onde devia estar pendente por fita verde o sêllo da Inquisição.

Anno de 1809

Carta da nomeação de familiar do Sancto Officio da Inquisição de Coimbra, passada em Lisboa, aos 17 d'outubro de 1809, pelo conselho geral do Sancto Officio a José de Sousa Melro, filho de outro, da freguezia de S. Cosme de Gondomar, para o dicto cargo servir e de todos os seus privilegios, isenções e liberdades gozar, prestando juramento na fórma do estylo. Acha-se assignada por *Pedro Falcão Cotta e Men.es*, *Fr. João de Santa Ignez*, e *Alexandre Jansen Moller.*

Pergaminho de 0m,35 de largo por 0m,20 de alto, tendo no v.º a nota do pagamento de 1$600 reis do sêllo, e a marca do mesmo. Com as cartas similhantes de 1792 e 1801 foi ao Instituto offerecido pelo auctor d'este *Catalogo* em 21 de maio de 1876 [2].

[1] Regimento do Santo Officio da Inquisição dos reinos de Portugal, de 1 de setembro de 1774, liv. I, tit. I e IX.
[2] Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 35.

DESENHOS E PHOTOGRAPHIAS

Evora, Ourique, Torrozello, Cetobriga, Montemór Novo e Alcaçer do Sal

Treze cartões com os desenhos a penna e lapis:

dos dolmens do Barrocal (lado oeste e norte), do Outeiro das Vinhas (lado sueste e sudoeste), da Tisnada (lado éste e entrada da galería), do Pinheiro do Campo (lado norte), e da Amendoeirinha, todos nas proximidades da cidade de Evora;

de um machado e uma adaga de bronze, encontrados no Alemtejo, e de duas laminas de ardozia com um orificio e lavores triangulares, existentes no museu da bibliotheca de Evora, e muito similhantes á lamina n.º 7 da epocha pre-historica d'este *Catalogo*, pag. 2;

de seis inscripções em caracteres desconhecidos, descobertas em Ourique;

de uma inscripção em caracteres desconhecidos, existente em Torrozello, districto da Guarda, sobre o portal de uma casa particular;

da planta de um edificio romano, templo e thermas, em Cetobriga;

de alguns vasos e outros ornatos das lapides sepulchraes romanas do museu de Evora;

da inscripção romana sepulchral, existente no paçal dos arcebispos d'Evora em Valverde, nos arredores da mesma cidade, e menos correctamente publicada no *Port. Inscript. Romanas*, vol. I, pag. 198, n.º 442;

do fragmento de estatua romana, achado em Cetobriga, conservado por muitos annos em uma casa na praça de Bocage em Setubal e agora recolhido em Lisboa, fragmento tambem desenhado no *Archivo Pittoresco*, tom. IV, pag. 152;

da inscripção romana sepulchral, existente em um paredão fronteiro á casa da camara municipal de Montemór Novo, e com algumas incorrecções publicada no *Port. Inscript. Romanas*, vol I, pag. 255, n.º

596, e nos *Estudos hist. juridicos e economicos sobre o municipio de Montemór o Novo,* vol. I, pag. 14, e vol. II, *apperdice* pag. v;

de algumas armas de ferro, lanças e adagas, encontradas nas proximidades de Alcacer do Sal e já muito deterioradas.

Á excepção da inscripção de Torrozello, cópia de um desenho do sr. Sá, todos os outros desenhos foram tirados dos proprios monumentos pelo associado correspondente d'esta secção de archeologia, o sr. Gabriel Pereira, da cidade d'Evora. Com as indicações tocantes a cada um dos objectos desenhados o mesmo sr. os offereceu ao Instituto em 21 de maio de 1876 e 20 de janeiro de 1877 [1].

Os dolmens, comprehendidos n'estes desenhos, foram o assumpto principal do estudo ou memoria, que o sr. G. P. publicou em 1875 sob o titulo *Dolmens ou antas dos arredores d'Evora, notas dirigidas ao ex.mo sr. dr. Augusto Filippe Simões.*

Citania e S. Estevão de Briteiros

Dezenove cartões numerados de photographias das ruinas de Citania. Os objectos photographados são:

uma casa circular, reconstruida sobre paredes antigas, e alguns apparelhos externos d'esta e d'outras casas similhantes (*cart.* n.os I a IV);

fragmentos de pedras com varios lavores, encontrados nas excavações das casas circulares e não circulares (*cart.* n.os V a VII);

mós, soleiras furadas e outros objectos de pedra, tambem descobertos nas casas mencionadas (*cart.* n.os VIII e IX);

fragmentos de telhas *(imbrices),* d'amphoras e d'outros vasos de barro, lisos e com lavores (*cart.* n.os X e XI);

uma estatua mutilada, e um baixo relevo muito carcômido de duas figuras (*cart.* n.os XII e XIII);

o monumento da *pedra formosa,* tirado em 1718 das ruinas de Citania para o adro da egreja de S. Estevão de Briteiros e d'este restituido ao seu primitivo logar em 1876, monumento de que o sr. J. P. N. da Silva deu a estampa e descripção no *Boletim architectonico e de archeologia da real associação dos architectos e archeologos portuguezes,* 2.a serie, n.o 9 (*cart.* n.o XIV);

um monogramma (CAAL) e alguns caracteres desconhecidos, encontrados em pedras e fragmentos de louças (*cart.* n.os XV e XVI);

[1] Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 36 e 43 v.

tres signaes ou marcas, existentes no monumento da *pedra formosa* e em outras pedras (*cart.* n.º xvii);

sepulturas descobertas no taboleiro da antiga capella de S. Romão (*cart.* n.º xviii);

uma lapide sepulchral com inscripção, encontrada na proximidade do adro da egreja de S. Estevão de Briteiros (*cart.* n.º xix).

Pelo sr. Francisco Martins Sarmento, explorador das mencionadas ruinas, foram offerecidos ao Instituto com as notas explicativas de cada photographia em 7 de dezembro de 1876. Para sua melhor conservação acham-se todos os cartões reunidos em um só album, como pela secção foi accordado em 21 dos dictos mez e anno [1].

O catalogo de numismatica será publicado quando haja maior numero de exemplares de moedas e medalhas. Por em quanto existem apenas de boa conservação — duas moedas romanas de prata dos imperadores Augusto e Tiberio, offerecidas por J. C. A. de C. — nove pequenos bronzes romanos dos imperadores Constantino Magno, Constancio ii, Graciano, Theodosio i e Honorio, offerecidos pelos srs. José Ferreira da Silva, da Figueira da Foz, José Sebastião Martins Pereira, de Soure, e dr. Augusto Filippe Simões — cincoenta e cinco moedas portuguezas de prata e cobre (vulgares) de D. João i, D. Manuel, D. João iii, D. Sebastião, D. João iv, D. Affonso vi, D. Pedro ii, D. João v, D. José i, D. Maria i e D. João vi, offerecidas pelo sr. José Sebastião Martins Pereira, de Soure — e quatorze jetons e moedas de cobre de Hespanha e do Brazil, offerecidos pelo mesmo senhor.

Afóra estes ha mais nove exemplares mal conservados de moedas romanas e portuguezas.

Coimbra 31 de março de 1877.

J. C. A. de Campos.

[1] Livro das actas da secção de archeologia do Instituto, fl. 42 e 42 v. Veja-se acêrca d'esta exploração, e d'alguns dos objectos photographados, a carta do sr. marquez de Sousa no *Diario da Manhã*, de 5, 9 e 10 de janeiro de 1877, n.os 452, 454 e 455.

NOTAS

I a pag. 5

Manuscripto em quatro volumes, existente na bibliotheca publica de Lisboa e pelo sr. I. F. da Silva mencionado no *Dicc. Bibliographico Portuguez*, tom. IV, pag. 155.

A este póde accrescentar-se outro manuscripto do mesmo beneficiado, de 156 fl. sem numeração, com o formato e encadernação da *Coimbra Gloriosa* e o titulo:

> «Historia da Igreja Collegiada de Santiago da cidade de Coimbra, em a «qual se dá noticia da antiguidade da mesma Igreja e dos edificios mais «notaveis, que se acham debaixo do territorio della, com outras noticias «concernentes á mesma historia — Dedicada e offerecida ao Ex^mo^ e R^mo^ «S^or^ D. Vicente da Gama Leal, Bispo Coadjutor do Rio de Janeiro e go- «vernador do Arcebispado de Evora — Dada á lus por Joachim da Silva «Pereira, natural de Coimbra e Beneficiado na dita Igreja de Santiago.

Tem na ultima folha a nota — *Suprimido. Meza* 9 *de setembro de* 1768 — *Coelho* — *Gama* — *Vasconcellos Pereira.*

Existia em 1865 no archivo nacional de Lisboa, d'onde mais tarde passou para a bibliotheca publica da mesma cidade.

Do *Resumo ou Index dos Alvarás, Cartas, Decretos* &, impresso em Coimbra no anno de 1786, deu exacta indicação o citado *Dicc. Bibliographico*, no tom. IV, pag. 155, e nas *correcções e additamentos*, pag. 456.

II a pag. 5

Luiz de Sousa dos Reis, filho de Antonio Gomes da Maia e de Thereza de Jesus e Sousa, nascido em fevereiro de 1707 e fallecido aos 8 de abril de 1783, doutor e oppositor na faculdade de leis da Universidade, foi um laborioso investigador das cousas de Coimbra, sua patria, e em especial do mosteiro de S. Cruz, ao qual não era affeiçoado. Além da *Historia breve dos varoens e mulheres de Coimbra, illustres em santidade e virtude* &, mencionada na *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa, algumas outras memorias deixou manuscriptas, entre as quaes avulta o *Rayo da Luz Catholica que illustra os fieis de Coimbra, vibrado por Leandro de S. Fulgencio, Filosofo e Jurista Conimbricense contra os malditos frades jacobeus de S. Cruz*, concluido em 24 de abril de 1763 e continuado no *Appendix e Notas* até 5 de março de 1783.

D'estas memorias e apontamentos, fonte copiosissima, sem duvida, de varias noticias, acham-se publicadas as seguintes:

> «Discurso Historico da fundação e antiguidade da Egreja Collegiada de

7

«Sam Thiago da real cidade de Coimbra — no jornal politico *A Epocha*, de outubro e novembro de 1856, n.os 19, 20, 21, 22 e 23.

«Catalogo dos Portuguezes doutos, lentes nas Universidades estrangeiras — no *Conimbricense* de outubro e novembro de 1861, n.os 810, 811, 812, 813, 814 e 816.

Tambem, sendo irmão da misericordia de Coimbra, colligiu e mandou encadernar em 25 grossos volumes muitos documentos antigos (manuscriptos e impressos) da mesma corporação, escrevendo e assignando no principio de cada tomo o competente titulo e o *Index dos documentos*. Das datas d'esses titulos, bem como de algumas lembranças e advertencias avulsas, vê-se que n'aquelle importante serviço trabalhou, com mais ou menos assiduidade, desde novembro de 1763 até outubro de 1765.

Todos esses tomos existem ainda bem conservados na secretaria da dicta misericordia.

III a pag. 14

Egreja ahi fundada nos annos proximos ao de 1100, e que em fevereiro de 1708 foi abandonada por effeito das inundações do Mondego, dando-se principio em agosto de 1710 ao novo templo no fim da rua da sophia, que sómente se concluiu em fevereiro de 1724. Alguns estragos do terremoto de 1755, na frontaria da egreja, repararou-os completamente a junta de parochia da freguezia de S. Cruz em agosto e setembro de 1874. *Conimbricense* de 22 de setembro de 1874, n.º 2834.

S. Justa era uma das antigas freguezias de Coimbra, que o dec. de 20 de novembro de 1854 extinguiu, annexando-a á de S. Cruz na conformidade do *Plano da reducção, suppressão, arredondamento e erecção de parochias na cidade de Coimbra e seus suburbios*, pelo mesmo decreto approvado e mandado cumprir.

IV a pag. 17

Coimbra Gloriosa, manuscripto já citado. No dizer, quasi sempre exagerado, do seu auctor, tinha esta torre ou castello das cinco quinas

«cento e quatro palmos de alto, e tam seguro estava que para se deitar «abaixo foi perciso ir a fogo, em que se gastaram mais de oito mil crusa- «dos e sete mezes de trabalho.

A demolição acabou em 19 de novembro de 1774.

E allusivo, por ventura, a essa segurança de construcção sería o lettreiro *Quinaria turris herculea fundata manu*, lettreiro existente dentro da mesma torre, e que o padre A. Carvalho e outros crendeiros tomaram á lettra como prova incontestavel de que fôra Hercules o seu fundador. *Conquista de Coimbra* por A. Coelho Gasco, pag. 16, *Corographia Portugueza*, tom. II, pag. 11. Vide o art. *Castello de Coimbra* do sr. R. de Gusmão na *Rev. Univ. Lisbonense* de 1842, n.º 27, pag. 318.

É certo, porém, que como *tore dercules* era vulgarmente denominada no seculo XVI esta torre quinaria, apparecendo com essa indicação no apontamento da *Obra de pedrarya e alluenarya que se ha de fazer* (em 1573) *no castello desta cidade*, apontamento que na nota VII copiaremos do *Registo* do arch.º municipal, tom. III, fl. 250 v., citado nos *Indices e Summarios dos livros e doc. mais antigos e importantes* do mesmo arch.º, fasc. II, pag. 166.

V a pag. 18

Principalmente combinando os dizeres d'esta inscripção com os da torre da estrella ou de *belcouce*, principiada tambem por D. Sancho I na era de 1247, anno de 1209, o 24 do seu governo e 146 da conquista de Coimbra aos sarracenos, e concluida na era de 1249, anno de 1211. *Diss. Chron.*, tom. I, pag. 39 e tom. II, pag. 103. *Mem. acêrca da combinação das epochas que contém a inscripção da torre da estrella da cidade de Coimbra* na *Hist. e Mem. da Acad. R. das Sciencias*, 1848, 2.ª serie, tom. 2, part. I, e nos *Indices e Summarios* citados, fasc. II, pag. 120.

VI a pag. 22

Como consta da carta regia de 29 de julho de 1373, (era de 1411) para nenhum morador, a dez e doze leguas ao redor de Coimbra, ser escuso de servir nos *lanços dos muros e torres e barbascãs*, e mais obras *compridouras a dita cidade*, e do mandado do juiz e provedor d'essas obras, de 6 de abril de 1376 (era de 1414), em que determinava o pagamento das quotas lançadas a cada um dos logares d'aquem e d'alem do Mondego,

> «afora aquellas villas e Julgados que ElRey tomou pera seruirem na obra
> «da torre q̃ o dito Senhor mãda fazer.

Doc. no arch.º municipal de Coimbra, aquelle por traslado no *Liv.* II *da Correia*, fl. 16, este original no *Perg.* n.º XXXI, *Ind. Chron. dos Perg. e Foraes* do dicto arch.º, pag. 17, e *Indices e Summarios*, fasc. I, pag. 99.

Esta diligencia de D. Fernando para augmentar a fortificação de Coimbra confirma tambem em parte o que d'elle refere o chronista Fernão Lopes, no cap. I da sua *Chronica*:

> «E isso meesmo fez veer os castellos de q̃ guisa estavom, e mandouhos
> «repairar de muros e torres e cavas darredor, e poços e cisternas onde
> «compriam.

Conforme as narrações amplificadas dos auctores da *Conquista de Coimbra*, da *Hist. Breve de Coimbra* e da *Coimbra Gloriosa*, era a dicta torre *quadrada, fermosissima, sumptuosa* e *inexpugnavel*, toda de cantaria lavrada e tão alta como a das cinco quinas, que lhe ficava proxima. Tinha na entrada uma larga escada para descer á cisterna e outra igual para subir ás ameias. Foi demolida pelo mesmo tempo da quinaria.

VII a pag. 22

Apontamento já mencionado na nota IV. A obra de *pedrarya*, que nas torres do castello se havia de fazer á custa do alcaide mór e da camara, era a seguinte:

«tore dercules

> «A tore dercules se ha de telhar por sima de telha presa.
> «terá mais huma coluna de pedra de peças omde ora estaa de pao com
> «sua vasa cham de dezasete palmos dasemto e a grosura da coluna será
> «de pallmo e meo de groso.
> «ho chão desta tore será bem argamasado......

«toda esta tore daredor omde madeira a dita tore, e omde hão de asemtar
«os frechais serão as paredes della reformadas desmamchamdo ate bayxo
«o que estyver eyvado e tornadas a fazer de pedra e cal de dous pallmos
«e meo comforme a que está feita e dalltura como ora estão sera com oyto
«pallmos dallto da argamasa pera syma e rebocadas de demtro e de fora.
«amtre a parede e as ameas será lageado de lagems de bordallo de pallmo
«e meo de larguo e o mais argamasa com suas coremtes pera os canos,
«e serão postos de pedra como estam outros.
«reformarão as ameas como estam outras.
«no cymo da escada se fará huma guarda de pedra e cal rebocada, e
«será dalltura de dous pallmos e meo e de groso o mesmo.
«pela esquada abayxo todo reformado e rebocado omde for necesario.
«o coredor que vay pera a tore dercules será argamasado com sua co-
«remte e canos de pedra pera deytar aguoa fora.
«ho cunhal do simo da esquada que vay da salla comtra ribella será
«feyto de cunhal, e traz cunhal laurado de pyquão de bayxo a sima
«acompanhado dalluenarya e reformado como estaa o mais.

«tore das molheres

«a tore das molheres será bem argamasada. ss. a casa de syma e huma
«fresta rasguada comtra sam martynho e o vão dela terá dous barões
«de fero.
«na casa de bayxo das molheres será bem guarnycyda e pymcelada por
«ser escura.
«na mesma casa em cyma amtre o telhado e as ameas será lageado
«de lagens de palmo e meo, e o mais argamasado com boa coremte que
«deyte a agoa pera fora com boa sacada pera canos, e a sacada será de
«hum pallmo fora da parede.
«todas as casas e tores da fortaleza se telharam e embarceyrarão: telha
«preza de maneira que fiquem bem vedadas.
«na tore da menajem na casa de sima farão huma escada de pedra de
«degraos jmteiros pera o telhado da tore das molheres.
«na casa gramde do allcayde de demtro comsertarão a ruyna que estaa
«sobre a fresta que será tapada, e farão outra mais asima e mais pequena
«e se taparão todos os buraquos da dita casa de pedra e cal.
«a tore das molheres se fara ho cunhal de hum cabo e do outro e asi
«toda a tore omde for necesaryo será de fora bem reformada e rebocada
«e de cunhais comforme aos que estão feytos hos que são sãos e jmtei-
«ros, e de dentro no larguo das traues ho que estaa maltratado se re-
«formará omde for necesaryo e ho reboquo se fará omde for o reformado.

A este segue-se o apontamento da *obra de carpymtarya da fortaleza*, com a declaração do que havia ser feito á custa do duque e da camara. Termina com a provisão de D. Luiz Pereira, presidente da alçada do Tejo para Galliza e Castella, de 5 d'abril de 1573, ordenando ao provedor da comarca que fizesse intimar o almoxarife do duque d'Aveiro, alcaide mór da cidade, e os officiaes da camara da mesma, para as dictas obras mandarem fazer sob pena de sequestro.

E que na verdade estes reparos seriam urgentissimos para a conservação do castello, que ainda então servia de cadeia da correição, dil-o a resposta da rainha regente D. Catharina ao apontamento da camara na carta de 8 de março de 1561, original nas *Prov. e Capitulos de Cortes* do arch.º municipal, fl. 34. *Indices e Summarios*, fasc. I, pag. 40:

«E quanto ao que me pedys no final apomtamento q̃ mande despachar o
«do castelo desa cidade q̃ esta pera cair eu mãdey a aluaro piz ẽ cujo po-
«der he q̃ o leue ao primeiro despacho q̃ tiuer e la se vera e despachara
«como for bẽ.

VIII a pag. 23

Sendo por isso chamada a *casa da sapiencia*. Era esta a opinião geralmente recebida desde a *Fundaçam da Universidade de Coimbra* no principio do seus *Estatvtos*, impressos em 1654, mas que em 1733 veio contestar o academico Manuel Pereira da Sylva Leal no *Discurso Apologetico*, etc. pag. 507, com o qual parece haver-se conformado o sr. J. Maria de Abreu nas suas *Mem. Hist. da Univ. de Coimbra*, no vol. I do *Instituto*, pag. 376. Pela antiga opinião estava o auctor do artigo *Universidade* na *Rev. Academica* de 1845-1848, pag. 260, fundado na acta da entrada dos collegiaes de S. Paulo em 2 de maio de 1563, já antes publicada pelo defensor da antiguidade e nobreza d'este collegio, o academico Diogo Fernandes de Almeida, na *Diss. Hist. Jurid. e Apologetica*, etc. pag. 99.

IX a pag. 25

Sendo, com effeito, de 29 de maio d'este anno a sentença do provedor das capellas, que a favor de Isabel Orphã confirmou o aforamento, feito pela camara de Coimbra em 23 de janeiro de 1460, de uma casa na praça da mesma cidade a partir com os açougues e o adro de S. Thiago, impondo á emphyteuta a clausula de

«demtro de dous meses da feitura deste em diamte poer na parede so-
«bre ho portall da dita casa hũa pedra de dous palmos de lomguo e
«dous de larguo q̃ sera assy emlleuada ẽ que sse ponhã as armas da
«dita cidade E teera hũas letras q̃ diguã esta casa he da cydade de cojm-
«bra sob pena de paguar mjll rr̃s pera as obras da dita cidade e despesas
«della. s. ha metade pera a dita cidade e ha outra meetade pera os catiuos
«e mais perder ha dita casa.

Esta obrigação estendeu-se depois a todos os possuidores de casas foreiras á cidade. Provam-no não só a intimação, que na vereação de 3 d'outubro de 1646 se ordenou para todos os emphyteutas collocarem as referidas armas nas paredes dos seus predios, como os muitos brazões sem inscripção, ainda agora existentes e bem conservados nas frontarias de varios predios na calçada e rua das fangas.

Tambem no aforamento de um chão á portagem, feito em 1522 pelos officiaes do almoxarifado, e n'esse anno confirmado pela vedoría da fazenda real, foi imposta ao emphyteuta a condição de pôr

«ssobre a porta das casas que hy fizer huũa 'pedra com as quynas do
«Regnno pera que se veja sserem do dito snnõr.

Pergam.os n.º CIV e CXIII do arch.º municipal de Coimbra, no *Indice Chron. dos Perg. e Foraes*, pag. 57 e 65 — e *Vereações* da camara da mesma cidade de 1644-1646, fl. 57.

X a pag. 26

Como consta das actas das sessões da camara municipal, que transcrevemos sómente no tocante a este assumpto.

Sessão de 11 de agosto de 1836 nas *Vereações* de 1834-1836, fl. 206 — Proposta do presidente

«para se demolirem os dois arcos da entrada da ponte que são proprios

«da cidade. A camara deliberou que sim, officiando-se aos interessados
«para ficarem nessa intelligencia.

Sessão de 18 de novembro de 1836, cit. *Vereações*, fl. 226.

«Leu-se um officio do Administrador Geral em data de 15, 1.ª repartição,
«n.º 152, participando a decisão tomada em Conselho de Districto em vir-
«tude da port. de 8 do corrente, expedida pelo Ministerio do Reino, sobre
«o requerimento de João Gomes de Abreu e Lima, que pretendia ficasse
«de nenhum effeito a deliberação da Camara sobre a demolição do arco
«da portagem, foi esta hoje deferida em conselho pela maneira seguinte:
«Tomando em consideração a utilidade publica a todos patente na demoli-
«ção de similhante arco, sendo demais a mais esta uma propriedade do
«Municipio que lhe fôra usurpada pelos antepassados do recorrente, deli-
«berou o conselho, conforme a deliberação da Camara, se torne effectiva
«a dita deliberação para ser demolido—o que participa para intelligencia.
«A Camara reforçando a sua deliberação de..... ordena se demula a
«muralha que é da cidade, entregando-se ao procurador do requerente a
«grade de ferro e mais effeitos que ornavão o mirante, e que se lhe parti-
«cipe para em tempo dê as providencias que lhe parecerem.

Sessão de 28 de novembro de 1836, *Vereações* cit. fl. 227 v.

«Fallou-se novamente sobre a demolição da torre sobre a ponte em razão
«de serem necessarios os entulhos della para altear o largo da Portagem,
«e todos unanimemente concordão em que se demula quanto antes.

Sessão de 16 de março de 1837 nas *Vereações* de 1837-1839, fl. 16 v.
Em seguida a duas inscripções, allusivas á demolição dos arcos do castello e da traição, de que se tratára nas sessões de 5 e 12 d'outubro de 1836, *Vereações* de 1834-1836, a fl. 215 e 216 v. lê-se:

Arco da Portagẽ
Em 1836
As Auctoridades Administrativas
D'esta Muito Nobre e Leal Cidade
Promovendo com Utilidade Publica
O melhoramento da Entrada da Ponte
Mandaram renovar esta obra,
E fazer a todos legivel
A antiga Inscripção acima collòcada.

«Cujos disticos foram presentes em Camara pelo vereador João Antonio
«da Costa e Brito, dizendo deverão ser collocados nos lugares onde anti-
«gamente era o Castello, Arco da Traição e Arco da Portagẽ: foram ap-
«provados, mandando se abrissem em pedra e se collocassem nos lugares
«já destinados para que de futuro trouxessem á memoria o que forão em
«outro tempo, e mandou a Camara se escrevessem neste lugar taes quaes
«os originaes, e pela sua ordem como acima estão escriptos.

Sessão de 21 de março de 1837, *Vereações* cit. a fl. 19 v.

«Mandou a Camara que se apeasse o Santo Agostinho que se acha ao Arco
«da Portagem, e que no seu logar se collocasse a Imagem de Nossa Se-
«nhora que antigamente se achava sobre o mesmo arco, e que o Santo
«Agostinho fosse entregue na Igreja da Graça, cobrando recibo, o qual
«se acha no archivo desta Camara.

XI a pag. 26

Sessão ordinaria da camara municipal de Coimbra, de 19 de fevereiro de 1874, nas *Vereações* d'este anno, fl. 49.

«Aos dezenove dias do mez de fevereiro de 1874, nesta cidade de Coimbra «e salla das sessões da Camara Municipal, pelas onze horas e meia da «manhã, onde se achava o presidente da Camara, o doutor Fernando de «Mello, e os vereadores José Maria Pereira Coutinho, Augusto Cesar dos «Santos, Francisco Maria de Sousa Nazareth e Joaquim Alfredo Pessoa, «faltando por motivo justificado os vereadores Francisco Maria de Qua- «dros e Bazilio Augusto Xavier d'Andrade.

«Correspondencia.

«Do Instituto de Coimbra, pedindo se lhe conceda para a collecção archeo- «logica da mesma sociedade o padrão commemorativo da reforma da «ponte por elrei D. Manuel em 1513, que ha pouco fora apeado do local «em que se achava. A Camara encarregou o seu presidente de fazer en- «trega d'este padrão, assim como de outros quaesquer objectos em identi- «cas circumstancias, devendo o Instituto recebel-os como deposito, e obri- «gando-se a restituil-os á Camara quando esta os reclame, e a velar pelo «seu estado de conservação.

XII a pag. 26

Como mestre das obras do paço real, e *das obras de pedrarya que ElRey noso senhor nesta cidade tem*, em 1524, 1526, 1527, 1531 e 1539 — nos documentos mencionados no *Dict. Hist.-Artistique du Portugal*, por A. Raczynski, verb. *Castilho (Jacques de)*; no alv. de licença da camara de Coimbra para comprar umas casas, de 4 de fevereiro de 1531; e na carta regia, de 12 de dezembro de 1539, sobre a obra da parede ao longo do rio, no tomo I do *Registo* e nas *Cartas Originaes dos Reis* do arch.º municipal, *Indices e Summarios*, fasc. I, pag. 53, e fasc. II, pag. 157.

Como mestre d'obras, esculptor e empreiteiro com mestre Nicolau, da construcção do frontispicio e portal do mosteiro de S. Cruz, e das estatuas que nelle faltavam — na vereação da camara de Coimbra do 24 de setembro de 1533, *Vereações* de 1533, fl. 79, e nos documentos, sem data, no citado *Dict. Hist.-Artistique*.

Como encarregado e informador do muitas obras no mesmo mosteiro, inclusivamente de galgar as suas paredes o abobedas, e de formar debuxos e dar informações a elrei acêrca de varios trabalhos no paço real, collegio de S. Jeronymo de Coimbra o mosteiro de Grijó — nas cartas de D. João III para fr. Braz de Braga e Vasco Ribeiro, de 24 de março de 1528, de 30 de setembro e 4 d'outubro de 1530, de 8 de maio de 1531, de 16 de janeiro de 1533, do 17 d'abril de 1535, de 27 de maio e 19 d'agosto de 1536, e de 8 d'outubro de 1537, na *Collecção* manuscripta e inedita d'estas cartas, outr'ora no archivo do mosteiro de S. Cruz e agora por copia em poder do auctor d'este *Catalogo*.

Como empreiteiro das obras do collegio das artes, que elrei mandou fazer em Coimbra em 1548, 1549 e 1551 — no recibo de 11 de maio de 1548; no alv. de 7 de maio de 1549; e na carta regia de 10 d'agosto de 1551, inserta no contrato da camara com o principal do collegio sobre o caminho e a fonte de Samsão, de 20 de novembro de 1551, no *Jornal Litterario*, de março e abril de 1869, n.os 5, 6 e 7, pag. 48, 53 e 78.

Como informador e director de varias obras na ponte, caes e rua da sophia de

Coimbra, e nos marachões do Mondego — nas cartas regias de 16 d'agosto de 1538, de 12 de dezembro de 1539, de 25 d'outubro de 1567, de 12 d'agosto e 16 de novembro de 1568; no titulo de expropriação de 10 de janeiro de 1570; e no alv. de 15 de janeiro de 1577, nas *Cartas Originaes dos Reis* e *Cartas e Ordens á Camara*, e no tomo IV do *Registo* do arch.º municipal, citados *Indices e Summarios*, fasc. I, pag. 52, 53, 59 e 71, e fasc. II, pag. 169.

Como veador das obras da ponte de Coimbra — na vereação de 7 d'outubro de 1573, que na entrada da dicta ponte a S. Francisco mandou renovar a charola, por elle desfeita ha muitos annos quando n'essas obras andára, *Vereações* da camara de Coimbra de 1573-1574, fl. 133.

Como dono de vinhas, comprador e constructor de casas na almedina de Coimbra — no citado alv. de 4 de fevereiro de 1531; no termo de licença da camara para *pôr abrolhos* nas vinhas, de 31 de julho de 1535, nas *Vereações* de 1535-1536, fl. 27 v.; nas cartas regias de 25 d'outubro de 1537, e de 18 d'abril e 1 de setembro de 1545, nas *Cartas Originaes dos Reis* do arch.º municipal, citados *Indices e Summarios*, fasc. I, pag. 52 e 54; e no alv. de 2 de maio de 1552, *Jornal Litterario*, de abril de 1869, n.º 7, pag. 80.

Como cavalleiro fidalgo da casa d'elrei, cidadão de Coimbra, e n'ella vereador e juiz pela ordenação — no citado contrato de 20 de novembro de 1551; nas vereações de 19 d'abril de 1559, de 27 de fevereiro de 1563, de 28 e 30 d'abril, e de 26 de maio de 1569; e na sentença, sem data, que o condemnou a não servir officios da governança por haver, como vereador, favorecido *por modos secretos o mosteyro de samta cruz desta cidade no caso das fontes delRey e da rª que sua A. manda trazer a dita cidade*, nas *Vereações* da camara de Coimbra de 1559, fl. 18 v., de 1563, fl. 12, e de 1569, fl. 36 v., 42, 63 e 118.

Diogo de Castilho era irmão de João de Castilho, fallecido em 1581, e tambem architecto e mestre d'obras nos mosteiros de Belem, de Alcobaça e da Batalha, e em outras obras reaes. Citado *Dict. Hist.-Artistique du Portugal*, verb. *Castilho (Jean)*, *Camões, Estudo Hist.-Poetico* por A. F. de Castilho, 1864, tom. III, not. a pag. 8.

XIII a pag. 26

Citado alv. de 15 de janeiro de 1577, em que se mandou lançar uma finta para pagamento dos 300$000 réis, tirados do cofre dos orphãos com applicação aos marachões do Mondego, e por que ficára responsavel Diogo de Castilho, já fallecido, e agora seu filho Jeronymo de Castilho. *Indices e Summarios*, fasc. II, pag. 169.

Jeronymo de Castilho foi tambem architecto, cidadão de Coimbra e seu vereador em 1576, 1583 e 1584. *Dict. Hist.-Artistique du Portugal*, verb. *Castilho (Jerome de)*, *Vereações* da camara de Coimbra de 1576-1577, fl. 30, e de 1583-1585, fl. 34 v. e 124 v.

D'esta notavel familia de architectos é de crêr que viesse o nome ao sitio da sua morada, ainda hoje conhecido pelo *pateo dos Castilhos*, na rua do moreno, freguezia de S. Cruz, e pertencente aos herdeiros da fallecida D. Maria Miquelina Roxanes Manique.

XIV a pag. 27

Como consta do apontamento da camara de Coimbra, e da resposta que el-rei lhe deu na carta de 22 de setembro de 1510, nas *Cartas Originaes dos Reis*, fl. 242, *Indices e Summarios*, fasc. I, pag. 48:

> «E quanto ao q̃ nos pedys acerqua da fymta pera as obras dos caminhos
> «por o dinheiro q̃ pera yso era tirado ser despeso nas que fez fernam de
> «saa da ponte pera sãta crara nos não aveemos por noso seruiço nisto

«fazer nada atee nam aveermos rrep^{ta} de fernam de saa do que sobre yso
«lhe escreuemos.

XV a pag. 28

E recolhidos, provavelmente, em alguma casa de outra ordem religiosa por a esse tempo não terem ainda edificio seu. Auctorisa esta suspeita a carta de nomeação e privilegios passada pelo D. Prior, fr. Vicente, em 20 de setembro de 1558, a João Fernandes, tecelão, a fim de poder comprar mantimentos não sómente para os religiosos de Thomar, mas tambem para os que *estão no estudo em coymbra q̃ são f^{os} desta casa*. Se, realmente, n'esse anno já existisse na cidade algum collegio proprio da ordem, outra parece que deveria ser a indicação do D. Prior com relação aos seus habitadores.

Além d'este ha, porém, outro documento, que mais confirma a conjectura de o collegio tivesse principio depois de 1558, talvez em 1560 ou 1561. É a carta de nomeação do cavalleiro fidalgo, Antonio de Alpoim, para provedor das obras do *mosteiro e collegio da Conceição desta cidade de Coimbra da ordem de N. Senhor Jesus Christo*, feita aos 4 de junho de 1561 pelo prior e deputados d'elle, fr. Pedro, fr. Bartholomeu, fr. Duarte e fr. Martinho. N'esta são os proprios collegiaes que declaram haver eleito o dicto provedor,

«cõsiderãdo nos como nesta cid^{e} se haade fazer hũu most^{ro} novo da nosa
«ordem prasẽdo a noso Sõr, e que asi pera ter cuydado das obras delle e
«as prover das cousas necessarias como tambẽ pera outra qll q̃r cousa q̃
«cõpryr ao dito most^{ro} tem necesidade de hũu homẽ honrado e de credito
«e cõfiança o qll nos por aver anos q̃ estamos nesta cidade e teremos ja
«speryẽcia e conycim^{to} das p^{as} della quisemos escolher e nomear etc.

D'esse anno sería tambem a doação do concelho ao dicto *mosteiro e collegio* de uma serventia a partir da ermida de S. Martinho para o mosteiro de Cellas, doação contestada pelos religiosos do convento de S. Cruz, e ácerca da qual ordenou el-rei certas diligencias, de quo deu parte aos vereadores na sua carta de 30 de julho de 1561.

E por *mosteiro* e *collegio* achamos ainda designada esta casa conventual no alvará de 16 de setembro de 1562, que para a cobrança das suas rendas lhe concedeu a nomeação de um executor, um escrivão e um porteiro privativos, e na carta regia de 6 de julho de 1563, que na Universidade a incorporou para gozar de todas as suas honras e privilegios. Depois não parece duvidoso que por collegio foi sómente nomeada, sendo, com effeito, sob esse titulo auctorisada a sua dotação, e concedida a licença de fazer o muro da cêrca juncto ao cano das aguas da cidade, pelo breve de Gregorio XIII, de 11 de dezembro de 1576, e cartas regias de 5 de junho de 1577 e de 21 de outubro de 1588. Conforme a informação do corregedor, em que esta licença se fundou, era grande a necessidade

«que o dito prior e padres tinham de fazerẽ cerca no dito collegio por q̃
«sem ella não estauão tão recolhidos como comuinha hora descerto á clau-
«sura d'elle.

Todos estes documentos existem trasladados ou originaes — as nomeações, cartas regias e alvarás de 1558, 1561, 1562 e 1588, no arch.º municipal de Coimbra, *Registo*, tom. 2, fl. 28 v. e 133, tom. 31, fl. 219, v., *Cartas Originaes dos Reis*, fl. 319, *Livro dos Vinte e Quatro*, fl. 33, e *Vereações* de 1588-1589, fl. 49. *Indices e Summarios dos livros e documentos* do dicto arch.º, fasc. I, pag. 57, fasc. II, pag. 159, e fasc. III, 233 e 286 — a carta regia de 1563 no livro I do *Registo* do arch.º da Universidade, fl. 241 — o breve o carta regia de 1576 e 1577 na *Refutação da allega-*

ção juridica de D. José Joaquim da Cunha pelo dr. Dionysio Miguel Leitão Coutinho, pag. 40 e 127.

XVI a pag. 29

Por effeito da venda, que n'esta data fez á companhia pelo preço de 30:000$000 réis, sujeito ás contribuições de registo e de viação e ás despezas da installação da mesma companhia, o sr. Luiz de Mello Tocho d'Almeida Soares de Albergaria de Castro, de Soure, irmão do fallecido José de Mello Soares de Albergaria, que a dicta propriedade arrematára na Junta do Credito Publico, em 14 de maio de 1842, por 4:410$000 réis. Cit. *Indices e Summarios*, fasc. II, pag. 189.

Como consequencia do contrato de 1875, e com auctorisação do ex.^{mo} bispo conde, foi a egreja profanada no junho immediato pelos parochos das freguezias de S. Bartholomeu e S. Clara. No agosto seguinte principiou a venda dos altares, retabolos, columnas, balaustradas e mais objectos da mesma egreja, onde em dezembro se estabeleceu por convenção com a companhia o armazem de vinhos do sr. J. L. Guimarães.

Continúa entretanto a servir de parochial da freguezia de S. Clara, como já tem servido desde 1 de janeiro de 1872, a pequena capella de N. S.ª da Esperança, proxima ao convento novo de S. Clara.

XVII a pag. 30

Para onde foi transferido da praça de S. Bartholomeu, na qual estava collocado defronte do passadiço, que d'ella dava communicação para a rua da calçada, no terreno agora occupado pelas casas do sr. João Matheus dos Santos. No chão do pelourinho, ao fundo do dicto passadiço, foi então (1611) construido o chafariz, que o bispo D. Affonso de Castello Branco prometteu fazer á sua custa como já fizera o da sé. Vejam-se a vereação da camara de Coimbra de 11 de junho de 1610, e o aforamento do passadiço a Maior Sueira em 10 de dezembro de 1611, nas *Vereações* de 1608-1610, fl. 223, *Notas*, liv. 4, fl. 103 v., e *Emprazamentos Antigos*, fl. 33 v., e o *Conimbricense* de 30 d'agosto de 1873, n.º 2723.

Como a maior parte dos pelourinhos de muitas villas e cidades, tambem este servia para exposição d'alguns condemnados por pequenos furtos e contravenções. Para os que furtassem uvas ou fructa, e não podessem pagar a coima, eram expressos o *T*º *das posturas sobre as v*ªˢ *e fruytas* de 1517, no *Liv. I da Correia*, fl 21, 80 e 219 v. e a postura de 1651 nas *Posturas e Correições*, fl. 8 v., onde se lê,

> «em lugar da penna de dinheiro estarão hũa ora ao pee do pelourjnho. s.
> «desde as nove atee as dez oras cõ a frujta com q̃ foj tomado ao pescoço...

ou

> «ponhãno a vergonha no pelourjnho cõ amostra do furto por uma hora.

Com relação ás padeiras, que pela terceira vez faltavam ao peso do pão, e aos pedreiros e carpinteiros, reincidentes em excederem os preços das taxas, não foram menos severos os accordãos de 24 d'outubro de 1576, e de 2 de fevereiro e de 6 de março de 1585, nas *Vereações* de 1576-1577, fl. 90, e de 1585-1586, fl. 17 e 35. Determinava-se ahi:

> «as ditas padeiras serão hipicutadas ao pee do pelourinho segundo forma
> «da ordenação.

«serão (os carpinteiros e pedreiros) postos á uergonha ao pee do pelouri-
«nho e não vzarã mais de seu oficio na cidade e termo.

Abolidas depois todas estas posturas e ordenações, ficou o mesmo pelourinho servindo apenas para n'elle se affixarem editaes, lançarem pregões, e pôrem em almoeda algumas rendas do concelho.

No dizer dos que ainda conheceram aquelle velho padrão da jurisdicção municipal, era elle formado de uma columna sem ornatos, levantada sobre tres ou quatro degráos, tendo juncto ao capitel quatro ganchos de ferro em cruz, e no topo a grimpa que ainda se conserva.

XVIII a pag. 30

Ambos os autos originaes nas *Vereações* da camara de Coimbra de 1644-1648, fl. 65 v. e 70, e publicados com outros documentos sobre o mesmo assumpto no *Conimbricense* de 7 de dezembro de 1866, n.º 2022.

A festa e procissão, instituidas n'aquelle ajuntamento, celebraram se pela primeira vez em 8 de dezembro de 1647. Conforme o programma, accordado na vereação de 4 d'esse mez (*Vereações* cit. fl. 117 v.), haviam de acompanhar a procissão as mesmas charolas, que costumavam ir na do Corpo de Deus, mais duas pellas e duas danças com a dos instrumentos, e as bandeiras dos officios. Nas noites da vespera e do sabbado todos os moradores da cidade foram obrigados a pôr luminarias, sob pena de 4$000 réis para o que não cumprisse. Tambem d'esse, como de todos os mais prestitos solemnes da cidade, devia cada um dos officiaes da camara receber a propina de 1$000 réis, costume antigo, que, no dizer dos vereadores, nobres e populares, no ajuntamento de 9 de novembro d'esse anno (*Vereações* cit. fl 114),

«era m^to conueniente guardasse... pela autoridade della (cidade) como por
«não terem os vreadores outros emolumentos sendo grande o trabalho que
«tem no gouerno da cidade.

Quanto á outra inscripção, commemorativa tambem do voto do rei e dos povos nas côrtes de 1646 em respeito á Immaculada Conceição, não sabemos se sobre as portas e entradas de Coimbra sería collocada, como á camara recommendou a carta regia de 30 de junho de 1654, nas *Prov. e Capit. de Côrtes* do arch.º municipal, fl. 213, *Indices e Summarios*, fasc. I, pag. 46. Se o foi, não podia ser senão a que, por ordem do rei, Antonio de Sousa de Macedo compoz e applicou para todas as cidades e villas do reino, e cujo teor se acha publicado na *Eva e Ave*, part. II, cap. XV, n.º 27, e, com uma variante de data, na *Chronica da S.ta e Real Provincia da Immaculada Conceição de Port.* por fr. Pedro de Jesus, tom. I, cap. XV. Havia de ser a mesma, que, esculpida em lapides, se conserva ainda em Thomar, Leiria e Montemór Velho, d'onde em 1870 a copiou o *Conimbricense* de 15 de novembro d'esse anno, n.º 2432.

XIX a pag. 34

Para o dicto arco ser tambem demolido, como o foi no mez seguinte em cumprimento das ordens do administrador geral do districto, para quem não valeu a ponderação dos vereadores quanto á ruína, que esta demolição poderia trazer á egreja do extincto collegio de S. Jeronymo. Vereações da camara de Coimbra, de 5 e 12 d'outubro de 1836, nas *Vereações* de 1834-1836, fl. 215 e 216 v., e

officio da camara, de 14 do mesmo mez, no *Registo da Correspondencia*, n.º 5, *Indices e Summarios*, fasc. III, pag. 297.

Com a espessura de quatro metros, aproximadamente, occupava o mencionado arco todo o vão da calçada do castello, firmando-se de um lado na parede da capella mór da egreja de S. Jeronymo, e do outro na do aqueducto de S. Sebastião. No dizer do auctor da *Coimbra Gloriosa*, servia-lhe de remate a pequena capella do Senhor do Castello, fundada por alguns devotos no principio do seculo XVIII, e demolida em 14 de abril de 1773. Entre este e o outro arco, ainda hoje existente, mediava um pequeno largo ou terreiro, d'onde partiam duas calçadas, que de fóra da porta desciam em rampa, uma para a estrada da fonte nova, outra em direcção ao collegio de S. Bento e do jardim botannico.

A inscripção commemorativa da demolição d'este arco do castello, proposta e approvada na vereação de 16 de março de 1837 (nota X) era a seguinte:

Aqui hum forte Castello, e huma nobre Torre,
Affamados por actos de valor e gentileza,
Adornarão muitos tempos os muros desta Cidade,
Os seculos, porem, nos deixárão ruinas,
E a Camara Municipal, promovendo o bem publico,
Preserva por este modo
Em 1836
A honrosa memoria daquelles edificios.

A demolição do antigo arco da traição, ordenada e tambem executada n'esse mesmo anno, devia commemoral-a o lettreiro:

Arco da Traição.

Hera hum monumento da Conquista de Coimbra,
Vereficada no Anno de 1064,
Mas sendo conveniente demolir esta obra,
Fez a Camara Municipal da mesma Cidade
Exarar esta inscripção
Em 1836
A fim de combinar a lembrança daquella façanha
Com as justas providencias do Interesse Publico.

XX a pag. 34

Manuscripto in folio grande, de 1199 paginas afóra as do *Index*, mas sem frontispicio, sendo todavia o proprio, ou alguma copia d'elle, que com o titulo de *Historia Manlianense* se acha mencionado na *Historia Genealogica da Casa Real Port.* por A. C. de Sousa, no *Apparato*, tom I, pag. CXLVI, e na *Bibliotheca Lusitana*, de Barbosa, tom. I, pag. 249. Pertence actualmente ao sr. Miguel Osorio Cabral de Castro.

Antonio Correia da Fonseca e Andrada, como elle proprio o declara, nasceu na villa de Montemór Velho (a Medobriga e Manliana dos antigos) aos 28 de julho de 1648. Foi cavalleiro professo do habito de Christo, capitão mór de Montemór Velho e coutos no seu termo do bispo conde, cabido e universidade de Coimbra, procurador pela mesma villa ás côrtes de 1679, e provedor da sua misericordia em 1693, 1694, 1710 e 1711. Especialmente affeiçoado aos estudos historicos e genealogicos, em que consumia todo o tempo que lhe sobejava das suas obrigações, escreveu os dez volumes das *Familias do Reyno de Portugal*, mencionados nos indicados *Apparato* e *Bibliotheca Lusitana*, e, a respeito da fundação, nobreza e monumentos da sua terra natal, a citada *Historia Manlianense*, a que deu principio em 1713, e parece haver continuado até 1717.

Falleceu aos 29 d'agosto d'esse mesmo anno na propria villa, onde nascera e residira, e de cujas antiguidades foi, sem duvida, laborioso investigador.

O titulo completo d'este volumoso manuscripto, como o transcreveu o sr. F. T. (Annibal Pipa Fernandes Thomaz) nas suas *Cartas Bibliographicas*, pag. 47, da copia, que possue, tirada em 1853, é o seguinte:

> «Historia Manlianense, Chronologica, Epithomatica, Bellica, Genealogica «e Panegyrica, na qual a curiosidade decifrará successos, que admiram, «progressos que assombram, e desenganos que aproveitam. Offerecida á «Virgem Santissima da Victoria, Nossa Senhora, e a seu esclarecido Mo-«narcha Portuguez D. Joam v Nosso Senhor, por Antonio Corrêa da Fon-«seca e Andrada, Cavaleiro Professo da illustrissima ordem de Nosso Se-«nhor Jesus Christo, Capitam mór da Villa de Montemór o Velho, Coutos «do Bispo Conde, Cabido e Universidade de Coimbra, que ha no seu Termo, «por Sua Magestade que Deos Guarde &.

XXI a pag. 36

Historia Manlianense, pag. 162 e 826. Os vereadores, que para o levantamento do padrão tambem concorreram, foram os capitães Manuel de Mendanha e Agostinho Couceiro Portugal, o dr. Bernardo da Costa Homem, e, como procurador, o alferes André Pessoa d'Almeida.

E a proposito d'estes capitães e alferes da vereação montemorense é para lêr a observação do conceituoso historiador:

> «Parecendo que o que foi acaso, veyo de propozito, por serem os offi-«ciaes da Camara militares em anno que se erigio hum trofeo contra as «injurias do tempo, sendo medianeiros para que se renovassem os il-«lustres progressos dos antigos; asumpto digno de que com letras de «bronze se escrevesse em marmores, merecendo o seu zello hum lou-«vor eterno, por reçusitarem das cavernas do descuido huma lem-«brança, que tanto acredita a sua patria.

Concluida a observação, continua o auctor com a copia do lettreiro, cujas iniciaes da ultima linha assim pretende decifrar:

Augusta Virgini .
Senatores . Expensis . Publici .
Erarii . Memoriam .
Quottanis .
Triumphi . Oppido . Nuncupato .
Consecrant .

Desconfiando, porém, e com alguma razão, da fidelidade d'esta versão, accrescenta logo por cautela:

> «Esta interpetração dá hum curiozo ás letras; o que as tiver, e o fôr, as «poderá decifrar como milhor lhe parecer, que quando o engenho em sub-«tilezas se empenha, posto fluctue o discurso, se acredita, porque, nem «sempre desdoura a opinião querella fazer, e só o ficará, quando por «nova, não fosse para admittir; e assim nesta palestra litteraria, será ar-«riscada a contenda, porque em campanha tão confuza, he duvidoza a vi-«ctoria, e só então logrará os applauzos, o que estas nevoas enigmaticas «desfaça com acertos.

Com a altiloquencia, que o assumpto requeria, termina o capitulo a pag. 166:

«He esta pedra huma trombeta muda, que posto com estrondo não atroe
«os ares, desperta a lembrança dos viventes, pois apenas he emprego das
«vistas, quando logo se avivão estas memorias, infundindo hum tal res-
«peito nos que a vem, que asombrados pelo que lerão, consagrão venera-
«çoens aos antigos, pelo que fizerão.
«He hum elevado obelisco, que, dedicado á posteridade dos tempos, serve
«de credito aos passados, de admiração aos prezentes, e de asôbro aos
«futuros a quem huns e outros, e todos juntos, se desvelão por adquerir
«respeitos para terem que lhe tributar decoros, tendo por lizonja o pos-
«suir, para terem mais que dar.
«He huma emulação das Pyramides do Egypto pois aquellas erigio a vai-
«dade do poder, a esta levantou hum estremecimento no amar, excedendo
«aos Colisseos mais soberbos, e refinado de huns afectos que, por não ha-
«ver segundos, serão sempre os primeiros.

A pomposa commemoração do *relevante prodigio* celebrou-se no dia 10 de agosto de quasi todos os annos até ao de 1863. Como festa obrigada da camara, sob a invocação de Nossa Senhora da Victoria, padroeira da villa, a declarou e auctorisou a provisão do Dezembargo do Paço de 20 de dezembro de 1746, publicada no *Conimbricense* de 20 de agosto de 1861, n.º 790, e no *Portugal antigo e moderno* do sr. A. S. d'A. Barbosa de Pinho Leal, verb. *Montemór Velho.*

O logar da degolação, refere o *Sanctuario Marianno*, no tom. IV, pag. 716, que fôra um penhasco proximo á egreja de S. João do Castello, e com esta lembrança conservado dentro de umas muralhas sob o nome de *Curral Santo.*

Acta da sessão da commissão de archeologia do Instituto de Coimbra em 2 de abril de 1873

Ás 7 horas da tarde congregou-se pela primeira vez a commissão de archeologia, que havia sido nomeada pela classe de litteratura, bellas lettras e artes do Instituto d'esta cidade, em sessão de 5 do mez passado [1]. Membros presentes os srs. Abilio Augusto da Fonseca Pinto, conego Antonio Xavier de Sousa Monteiro, dr. Augusto Filippe Simões, conselheiro João José de Mendonça Cortez, par do reino Miguel Osorio Cabral de Castro, prior Manuel da Cruz Pereira Coutinho e Augusto Mendes Simões de Castro.

Tomou a presidencia provisoria o sr. Pereira Coutinho. Procedeu-se logo á constituição definitiva da mesa, e foram eleitos: presidente o sr. Miguel Osorio, vice-presidente o sr. Pereira Coutinho, e secretario Simões de Castro. Em seguida o sr. Pereira Coutinho cedeu o logar da presidencia ao sr. Miguel Osorio.

O sr. dr. Filippe Simões noticiou que o sr. Adolpho Ferreira de Loureiro lhe participára por uma carta, que por motivo de ausencia não podia comparecer na primeira sessão da commissão de archeologia, mas que com muito gosto se associaria a tomar parte nos seus trabalhos. Noticiou tambem o sr. dr. Filippe Simões que o sr. João Correia Ayres de Campos lhe disséra, que por ter de sahir de Coimbra não poderia assistir á sessão de hoje, mas que está prompto a coadjuvar com a melhor vontade esta commissão. Disse mais o sr. dr. Filippe Simões que o sr. Ayres de Campos, fallando-lhe na conveniencia de varias adquisições para o projectado museu de archeologia, lembrára a da inscripção tumular de Santa Comba, que existe na profanada egreja de S. João, hoje armazem, contigua á egreja de Santa Cruz d'esta cidade.

O sr. conselheiro Mendonça Cortez disse que Coimbra era uma terra classica em objectos de archeologia, e que por isso lembrava a conveniencia de se emprehenderem varias explorações, taes como estudar o caminho subterraneo que partia do antigo castello, as fortificações que cingiam a cidade, etc.

O sr. dr. Filippe Simões disse que achava de grande interesse e utilidade as explorações lembradas pelo sr. conselheiro Cortez, e que era conveniente deixar á iniciativa de quaesquer dos membros da commissão o procederem ás investigações

[1] Em execução da proposta do sr. dr. A. Filippe Simões, apresentada e unanimente approvada n'essa mesma sessão de 5 de março, para

> «que se nomeasse na classe de litteratura uma commissão de archeologia,
> «e que n'um dos salões do Instituto se désse cabida aos monumentos ar-
> «cheologicos e epigraphicos que esta associação podesse adquirir, e que
> «chamassem a attenção dos que prezam as investigações archeologicas.
> *Liv.º das actas das sessões da classe de litteratura e bellas artes do Instituto de Coimbra*, fl. 2. *Relatorio dos trabalhos da secção de archeologia do Instituto de Coimbra* pelo sr. Miguel Osorio Cabral de Castro, no *Instituto*, vol. XX, dezembro de 1874, pag. 86.

para que se achassem mais habilitados. Disse mais que a commissão deve empregar esforços para ir reunindo n'uma das casas do Instituto os objectos de valor archeologico que fôr possivel alcançar, e que lembrava para nucleo de um museu de antiguidades as inscripções lapidares romanas e portuguezas da edade media, que existem na Universidade, um tumulo da egreja antiga de Santa Justa, a inscripção de Santa Comba, em que lhe fallára o sr. Ayres de Campos, etc.

O sr. Antonio Xavier de Sousa Monteiro disse, que havia no deposito chamado da *obra velha* do cabido de Coimbra alguns objectos proprios para o museu, e que talvez fosse possivel alcançar, taes como duas lapides com inscripções antigas, um missal em pergaminho, o tombo chamado dos pregos, etc.

Deliberou-se que se fizessem explorações archeologicas em Coimbra e seus contornos, que a commissão tratasse de adquirir os objectos que entendesse convenientes para o projectado museu, devendo para este fim a mesa dirigir-se ás pessoas ou corporações que os possuissem, e que se promovesse o arranjo de uma casa no edificio do Instituto, adequada para o mencionado museu archeologico [1].

O sr. Miguel Osorio offereceu-se para ir a expensas suas a Condeixa Velha com o sr. dr. Filippe Simões explorar as antiguidades que alli existem [2].

Resolveu-se convidar o sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões e o sr. dr. Julio Marques de Vilhena a aggregarem-se a esta commissão de archeologia. Foram encarregados os srs. Abilio Augusto da Fonseca Pinto, dr. Filippe Simões, João Correia Ayres de Campos e Simões de Castro, de investigar qual a linha da antiga muralha, que circumdava a cidade de Coimbra, e de apurar as possiveis noticias acêrca da mesma muralha. Deliberou-se que se procedesse á feitura de um regulamento para os trabalhos da commissão de archeologia, e auctorisou-se a mesa para nomear os membros que o hão de elaborar.

O sr. presidente pediu aos membros da commissão que, se tivessem conhecimento de alguns objectos proprios para o museu archeologico, os apontassem na proxima sessão, e indicassem ao mesmo tempo a maneira porque lhes parece se poderiam adquirir.

O sr. conselheiro Cortez propôz e approvou-se que se lembrasse ao sr. reitor da Universidade a conveniencia de mandar vir para a bibliotheca da mesma a importante obra de archeologia, intitulada *Catalogue of a series of photographs... by Thompson, London*, 1862-1872.

O sr. presidente convidou os membros da commissão a que, se quizessem discutir alguns pontos de archeologia, os apresentassem n'algumas das proximas sessões, e disse que pela sua parte desde já fazia a promessa de fallar acêrca de Condeixa Velha.

E nada mais se tratou n'esta sessão. — *Manuel da Cruz Pereira Coutinho*. — O secretario, *Augusto Mendes Simões de Castro*.

1 Como em breve se promoveu com auctorisação do reitor da Universidade, o ex.mo Visconde de Villa Maior, em duas salas do pavimento inferior do edificio do collegio de S. Paulo, 1.º eremita, onde o Instituto se acha estabelecido desde 1868, *Indices e Summarios*, fasc. III, pag. 304. Os primeiros objectos recebidos no museu, em 15 de maio de 1873, foram as cinco lapides romanas e duas portuguezas, depositadas pela Universidade, e os dois capiteis da egreja de S. Thiago, offerecidos pelo sr. dr A. Filippe Simões, e no *Catalogo* mencionados, pag. 5, 6, 7, 13, 17 e 21.

2 Sendo o resultado d'estas explorações as duas conferencias feitas pelos srs. Miguel Osorio Cabral de Castro e A. Filippe Simões nas sessões de 5 de junho e 6 de novembro de 1873 (*Livro das actas da commissão de archeologia do Instituto de C.ª*, fl. 5 e 9 v.), e publicadas no *Instituto*, vol. XVII, junho e outubro de 1873, pag. 80 e 270.

Acta da sessão da commissão de archeologia do Instituto de Coimbra em 5 de fevereiro de 1874

Presidencia do sr. Miguel Osorio. Membros presentes os srs. Pereira Coutinho, Ayres de Campos, Filippe Simões, Correia Torres, Mendonça Cortez, Candido de Figueiredo e Lima Figueiredo.

O sr. presidente declarou que o sr. secretario não podia assistir a esta sessão, mas que tinha encarregado o membro da commissão, Lima Figueiredo, de o substituir.

Participou o sr. Mendonça Cortez que, tendo convidado os srs. bispo conde e visconde de Villa Mendo a fazerem parte da commissão de archeologia, suas excellencias promptamente annuiram.

Em seguida participou o sr. presidente que o projecto dos estatutos já tinha sido apresentado á direcção do Instituto, e que a assemblea geral tinha deliberado [1] que a commissão de archeologia passasse a constituir uma secção da terceira classe com o nome de *secção de archeologia*, estando, por tanto, terminados os trabalhos da commissão e devendo esta passar a constituir-se em secção. Nada mais se tratou.

Miguel Osorio Cabral de Castro — *Manuel Marques de Lima Figueiredo*, servindo de secretario.

[1] Na sessão de 28 de janeiro de 1874 por proposta do sr. dr. A. Filippe Simões. *Liv. das actas da assemblea geral do Instituto de Coimbra*, fl. 14 v. e *Relatorio dos trabalhos da secção de archeologia do Instituto de Coimbra* pelo sr. Miguel Osorio Cabral de Castro, no *Instituto*, vol. XX, dezembro de 1874, pag. 86.

Doadores e depositantes dos objectos existentes no museu de archeologia do Instituto de Coimbra desde 15 de maio de 1873 até 28 de março de 1877

Doador / depositante	Objectos
Adolpho Ferreira de Loureiro	Epocha portugueza, n.º 5.
Antonio Augusto da Costa Simões	Epocha pre-historica, n.ºs 1 a 8.
Antonio Maria Seabra de Albuquerque	Epocha portugueza, n.º 10. Manuscriptos, pag. 40 e 43.
Antonio dos Santos Pereira Jardim	Epocha portugueza, n.º 29.
Augusto Filippe Simões	Epocha pre-historica, n.ºs 9 a 21, e 23 a 29. » romana, n.ºs 8, 10 e 14. » dos godos, n.ºs 4 e 5. » dos arabes, n.º 1. Objectos não comprehendidos n'estas epochas, n.ºs 1 e 2. Moedas romanas, pag. 47.
Augusto Mendes Simões de Castro	Epocha portugueza, n.º 37.
Cabido da sé de Coimbra, por intervenção do dr. Francisco da Fonseca Correia Torres.	Epocha portugueza, n.ºs 8, 9 e 14.
Camara Municipal de Coimbra	Epocha portugueza, n.ºs 16, 19, 24, 25, 26 e 28.
Camara Municipal de Montemór Velho, por mão do sr. Adolpho Ferreira de Loureiro	Epocha dos arabes, n.º 2. » portugueza, n.º 36.
Commissão de archeologia do Instituto	Epocha portugueza, n.ºs 1 e 2.
Companhia de fiação e tecidos de Coimbra pelos seus directores, os srs. Adelino Antonio das Neves e Mello (filho) e José Matheus dos Santos.	Epocha portugueza, n.ºs 11 e 23.
Francisco Martins Sarmento	Photographias, pag. 46.
Gabriel Pereira	Desenhos, pag. 45.

Ignacio Rodrigues da Costa Duarte	Epocha portugueza. n.º 20.
João Correia Ayres de Campos	Epocha portugueza, n.ºs 38 e 39. Manuscriptos, pag. 38 a 42 e 44. Moedas romanas, pag. 47.
José Epiphanio Marques	Epocha romana, n.ºs 11 e 12.
José Ferreira da Silva	Moedas romanas, pag. 47.
José Sebastião Martins Pereira	Moedas romanas e portuguezas, jetons, etc. pag. 47.
Julio Augusto Henriques..................	Epocha pre-historica, n.º 22.
Junta de parochia da freguezia de S. Cruz de Coimbra	Epocha portugueza, n.ºs 3 e 4.
Manuel da Cruz Pereira Coutinho	Epocha portugueza, n º 6.
Manuel Marques de Lima Figueiredo.........	Epocha portugueza, n.º 15.
Mathias Cypriano Heitor de Macedo	Epocha portugueza, n.ºs 17 e 18.
Miguel Osorio Cabral de Castro.............	Epocha romana, n.ºs 7, 9 e 13. » dos godos, n.ºs 1, 2 e 3.
Universidade de Coimbra pelo seu reitor, o ex.mo visconde de Villa Maior.................	Epocha romana, n.ºs 1 a 6. » portugueza, n.ºs 7, 12, 13, 27, 30, 31, 32. 33, 34 e 35.
Visconde de Villa Mendo..................	Epocha portugueza, n.ºs 21 e 22.

Socios do Instituto de Coimbra inscriptos na secção de archeologia do mesmo até 31 de dezembro de 1876

Abilio Augusto da Fonseca Pinto
Adolpho Ferreira de Loureiro
Alfredo Augusto Schiappa Monteiro de Carvalho
Antonio de Assis Teixeira de Magalhães
Antonio Augusto da Costa Simões
Antonio Candido Ribeiro da Costa
Antonio José Viale
Antonio dos Santos Pereira Jardim
Antonio Xavier de Sousa Monteiro
Augusto Filippe Simões
Augusto Mendes Simões de Castro (1.º *secretario*)
Augusto Sarmento
Bernardino Luiz Machado Guimarães
Bispo Conde
Candido de Figueiredo
Carlos Augusto de Mascarenhas Relvas de Campos
Fernando Mattoso dos Santos
Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão
Francisco de Castro Freire
Francisco da Fonseca Correia Torres (*a*)
João Correia Ayres de Campos (*conservador do museu*)
João Jacintho Tavares de Medeiros
João José de Mendonça Cortez (*thesoureiro*)
Joaquim Alves de Sousa
Joaquim José Paes da Silva
José Epiphanio Marques
José Frederico Laranjo
José Joaquim Fernandes Vaz
José Joaquim Pereira Falcão
Julio Marques de Vilhena
Luiz da Costa e Almeida
Luiz Guedes Coutinho Garrido
Manuel da Cruz Pereira Coutinho (*vice-presidente*)
Manuel Marques de Lima Figueiredo
Manuel Pereira Dias
Miguel Osorio Cabral de Castro (*presidente*)
Pedro Augusto Martins da Róxa (2.º *secretario*)
Raymundo Venancio Rodrigues
Visconde de Villa Mendo

(*a*) Fallecido em 11 de dezembro de 1874.

Associados correspondentes da secção de archeologia do Instituto de Coimbra até 31 de dezembro de 1876

Abilio de Macedo Lopes do Valle (Pombal)
Adolpho da Cunha Pimentel Homem de Vasconcellos (Braga)
Antonio Francisco Barata (Evora)
Antonio Maria Seabra de Albuquerque (Coimbra)
Antonio Vieira Lopes (Porto)
Francisco Martins Sarmento (Guimarães)
Gabriel Pereira (Evora)
Governador Civil do districto de Coimbra (*a*)
Joaquim Martins de Carvalho (Coimbra)
Joaquim Pires de Sousa Gomes (Lisboa)
José Maria Antonio Nogueira (Lisboa)
José Sebastião Martins Pereira (Soure)
Lourenço de Carvalho (Lisboa)
Presidente da Camara Municipal de Coimbra (*a*)

(*a*) Regulamento da secção de archeologia do Instituto de Coimbra, de 4 de julho de 1874, art. 11, § 4:

«Serão associados correspondentes d'esta secção o governador civil do «districto de Coimbra e o presidente da camara municipal, e terão um «logar de honra nas sessões publicas da secção.

ERRATAS

Pag.	Linha	Erros	Emendas
2	7	recortes	recortes ou entalhos
12	5	anno 541	anno de 541
30	4	da cidade	da cidade de Coimbra
32	11	já mencionados	depositados pela Universidade
33	28	da Universidade	da Universidade de Coimbra.

ADVERTENCIA

Os objectos recebidos no museu depois de 28 março de 1877 serão a materia dos *supplementos*, em que este *Catalogo* ha de ser continuado.